

# MINISTÉRIO

ADVENTISTA

Uma Revista para Pastores e Obreiros

JAN/FEV 83



NÚMERO 1



**Que  
Aconteceu  
com a  
Família que  
Orava Junto?**

# ÍNDICE

## EDITORIAL

Amebas, Leucócitos e Pastores **3**  
*Daniel Belvedere*

## OBRA PASTORAL

A Dor da Visitação **4**  
*João Savage*

## A FAMÍLIA DO PASTOR

Que Aconteceu com a Família que Orava Junto? **5**  
*Denise Turner*

## A ESPOSA DO PASTOR

Estado de Ânimo no Ministério — Um Estudo **7**  
da Esposa do Pastor Como Pessoa  
*Carole Luke Kilcher, Roger L. Dudley, Des Cummings Jr.  
e Greg Clark*

## SAÚDE E RELIGIÃO

Saúde e Temperança **12**  
*Dra. Irma B. Vyhmeister*

## TEOLOGIA

A Mordomia em Seus Aspectos Mais Amplos **14**  
*L. E. Froom*

A Igreja e Israel **19**  
*Dr. Hans K. LaRondelle*

## ARTIGOS GERAIS

Superando Nosso Natural Egoísmo **22**  
*Leah S. de Souza*

## PREGAÇÃO

Apelos Evangelísticos Eficazes **23**  
*Melvin Nembhard*



## O MINISTÉRIO ADVENTISTA



Nº 1 JANEIRO/FEVEREIRO 83

Gerente Geral:  
Wilson Sarli

Redator-Chefe:  
Rubens S. Lessa

Redator:  
Naor G. Conrado  
Diretor:  
Arthur S. Valle  
Colaborador Especial:  
Daniel Belvedere  
Colaboradores:  
João Wolff

José C. Bessa  
Alcides Campolongo  
Severino Bezerra  
Jefte de Carvalho  
Direção de Arte:  
Erlo G. Köhler  
Rogério Sorvillo Vieira

Diagramação:  
Manoel A. Silva

Assinatura Anual:  
Cr\$ 1.200,00

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista *O Ministério Adventista*, devem ser enviados para o seguinte endereço:  
Caixa Postal 12-2600  
70279 - Brasília, DF

Capa: Heber



Editado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira,  
Av. Pereira Barreto, 42 —  
09000 - Santo André,  
São Paulo

# Amebas, Leucócitos e Pastores

Talvez nunca nos haja ocorrido relacionar entre si o trinômio de nosso título, a menos que você seja um bioquímico cristão e tenha a oportunidade de ver e estudar esses dois corpúsculos tão parecidos em seu aspecto exterior, como são a ameba e o glóbulo branco.

Quando falo do aspecto exterior, refiro-me ao que se capta através do microscópio, já que a ameba mede apenas uns 18 a 25 milésimos de milímetro de diâmetro. Sem dúvida que com razão sempre nos tem sido declarado que a ameba é uma das formas de vida mais elementares que se conhecem; por isso costuma ser a primeira que se estuda em biologia. No entanto, apesar de sua simplicidade, é mais que matéria: tem vida e cumpre todas as funções básicas que nós realizamos: respira, digere, excreta, se reproduz e se desloca.

Se as amebas forem colocadas ao lado dos glóbulos brancos, diremos que se parecem bastante; mas, quando estudamos sua conduta, surgem algumas diferenças típicas que também se encontram entre pastores e pastores. Antes, porém, de aclarar este assunto, falemos um pouco dos leucócitos, esses guardas ou essas forças armadas que protegem nosso corpo.

Um médico cristão que utiliza os leucócitos como metáfora comenta que quando tudo transcorre na normalidade, os glóbulos brancos impressionariam como ineficazes ou até como preguiçosos vagabundeando e deslocando-se pela corrente sanguínea ou linfática. Quando, porém, aparecem germes ou micróbios infecciosos, afigura-se que houve um alarma, proclamando intensa vigilância, e, de todos os lados, até atravessando as paredes dos capilares, eles afluem ao foco infeccioso e começam a engolir o invasor. O glóbulo branco tem grânulos de explosivos químicos dentro de seu corpo, os quais começam a detonar quando foi tragado o invasor, destruindo-o. Mas, geralmente, o leucócito morre nesta ação heróica.

Paulo disse que a Igreja é o corpo de Cristo. Sendo que ele viveu quinze séculos antes que Zacarias Janssen inventasse o microscópio, é provável que nem sequer soubesse que existiam amebas e glóbulos brancos, nem tenha sonhado que hoje os usaríamos no contexto de sua metáfora. Mas vamos fazê-lo porque os dois habitam no mesmo corpo, só que sob condições muito diferentes.

No caso da ameba, ela vive do corpo. Poderia sair do corpo e viver fora dele, pois não faz parte do mesmo. Chegou a integrar-se no corpo, mas como parasito.

Ao chegar a este ponto, recordo o que disse S. João a respeito de alguns crentes: "Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos" (I S. João 2:19), e me estremeço ao pensar que alguns de nós talvez sejam um pastor dentro do corpo de Cristo, que cobra seu salário como o faria um profissional não identificado com a empresa da qual vive. Seria terrível!

Quão bom seria, porém, que fôssemos pastores semelhantes aos glóbulos brancos, os quais vivem para o corpo e que, assim como Cristo, dão sua vida pela saúde do corpo!

Não obstante, creio que coincidiremos em que os frutos são apenas o testemunho externo de um problema mais profundo. Então, que estabelece a diferença? A natureza de um e de outros. Em relação com o corpo físico, a ameba é independente, ao passo que o glóbulo branco pertence ao corpo, por isso vive para ele. E aqui é onde a metáfora e a realidade se separam, porque a ameba não pode modificar sua natureza, ao passo que você e eu, pastor, podemos experimentar uma mudança de natureza, se é que a necessitamos. "Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; a saber: aos que crêem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus." S. João 1:12 e 13. E ter essa natureza significará ser "pastores leucócitos", que vivem e se sacrificam pela saúde do corpo, "como também Cristo amou a igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela" (Efés. 5:25).

Daniel Belvedere

# A Dor da Visitaçã

João Savage

Presidente dos consultores LEAD, Pittsford, Nova Iorque. Abalizada autoridade na reincorporaçã de membros de igreja inativos.



Arquivo Casa

A razão por que a maioria das igrejas não têm um programa de visitaçã de seus membros inativos não é a falta de interesse por eles. Deve-se à intensa dor suscitada pelo processo de visitaçã.

A afliçã do membro inativo tem sido estudada meticulosamente em anos recentes. Foi constatado que freqüentemente um "incidente que provoca ansiedade" na vida do indivíduo ou na vida da congregaçã se encontra no centro do problema. Esse incidente torna a pessoa muito perturbada, ansiosa e, comumente, muito irada, e pode ser estimulado por um grande número de situações.

Lembro-me de uma das primeiras visitas que fiz a um membro inativo. Era um casal de meia-idade que se afastara da igreja um ano depois que eu me tornei pastor. Tinham ficado inativos durante uns quatro anos. Embora devolvessem o dízimo de maneira esporádica, não assistiram a nenhuma reuniã, cerimônia ou culto da igreja durante esse período de quatro anos. Quando telefonei para eles e marquei um encontro, estavam muito desejosos de ver-me. Era um nevoso dia de inverno em Rochester, Nova Iorque, quando me dirigi à casa desse casal. Conversamos sobre questões superficiais. Então a esposa me disse: "Faz quatro anos que o senhor não veio até aqui. Por quê?" O tom de sua voz era hostil, e a pergunta denotava ressentimento oculto. Minha resposta foi a seguinte: "Eu não sabia que as pessoas que outrora eram assíduas na igreja, co-

mo os irmãos, passavam por tão intensa dor ao se tornarem inativos. Certamente não fui sensível a seus pedidos de auxílio, e estou sinceramente arrependido de minha insensibilidade. Espero que me perdoem." A mulher começou a chorar. O marido sentou-se a seu lado no sofá e pôs o braço ao seu redor. Durante as próximas duas horas permaneci sentado e deixei que eles partilhassem a profunda dor que havia em seu íntimo por haverem abandonado a igreja.

Acontece que eu era o causador de ansiedade em seu afastamento. Enquanto fui ouvindo, foram capazes de partilhar sua hostilidade contra minha pessoa devido ao que ocorrera quase quatro anos antes. Mencionaram como tinham sentido falta da comunidade em que haviam encontrado grande conforto e amor. Ficaram muito pesarosos por causa do atrito pessoal comigo, mas não sabiam como proceder para efetuar a reconciliaçã. Relataram como seus filhos estiveram fora da escola da igreja e da sociedade de jovens durante esse mesmo período de tempo, e que se sentiam incompetentes como pais. Finalmente, declararam que, tendo deixado a comunidade da igreja, não sabiam como voltar airoosamente e, portanto, permaneceram afastados. Haviam, de fato, implorado o meu auxílio através da Comissão de Relações Entre o Pastor e os Membros, mas naquele tempo de minha vida eu não era sensível aos pedidos de auxílio que as pessoas fazem antes de sair. Se eu tivesse percebido isso mais cedo, tê-los-ia poupado, bem como a

mim mesmo, de muita afliçã.

O segundo exemplo elucidará mais alguns pontos relacionados com a afliçã de abandonar a igreja. Durante minha pesquisa original ao visitar membros inativos (da qual resultou o livro *The Apathetic and Bored Church Member* — "O Apático e Enfadado Membro da Igreja"), visitei um casal de trinta e poucos anos de idade. Seis meses antes falecera seu filho de três anos. No distrito para o qual se haviam mudado, o pastor só fizera uma visita a essa família após a morte da criançã, e ninguém da congregaçã local viera visitá-los no decorrer desse período de profundo pesar. Tanto o marido como a esposa choraram copiosamente durante o tempo em que estive com eles. Estavam em extrema afliçã, não só por causa da perda do filho, mas também devido à falta de apoio da comunidade da igreja, que era tão necessário naquele tempo. Foram se afastando rapidamente da igreja, desiludidos das pessoas e decepcionados com o seu pastor. Essa dor existencial era traumática para sua própria vida, e tiveram de fazer o máximo esforço possível para não ficarem desesperados.

Essas duas visitas não apresentaram um quadro atípico do membro de igreja inativo. Quase sem nenhuma exceçã, em toda família inativa que visitei descobri imenso pesar interior relacionado com a igreja, com os membros, com o pastor e até mesmo com Deus.

Há uma intuiçã da parte da congregaçã que quando se visita

um membro de igreja inativo tem-se de lidar com hostilidade, ira e culpa. E a maioria das pessoas não sabem como relacionar-se devidamente com alguém que sente profunda dor. Evitamos essas pessoas, aumentando assim o pesar que já estão sentindo. Isto conduz à segunda parte do dilema da dor daquele que faz a visita.

Quando eu, como visitante, ouço o relato da dor de outra pessoa, isso excita meus próprios sentimentos. Escuto as palavras, vejo a pessoa, percebo a linguagem dos gestos, ouço a realidade que transparece naquilo que está sendo contado. A hostilidade da outra pessoa geralmente desperta minha própria ira. A condenação de si mesmos ocasiona culpabilidade; sua atitude indiferente pode suscitar sentimentos pessoais de rejeição e pensamentos de aversão. A dinâmica que ocorre produz uma percepção em mim mesmo que não desejo enfrentar. Minha tentação, portanto, como visitante, é evitar qualquer situação que ocasione tais reações em mim, pois não quero ter de lidar com meus próprios conflitos interiores.

Uma das grandes utilidades do ministério de visitação a membros inativos é que ele provê um tipo de processo purificador tanto para o visitante como para a pessoa visitada. A fim de ser visitantes eficientes, os indivíduos precisam aprender a arte de ouvir e estar cientes de seus próprios sentimentos interiores. Ao visitar outra pessoa entramos em contato com nosso próprio conflito, e a visita nos permite lidar com ele, em vez de evitá-lo perpetuamente. No entanto, minha visita pode ser usada por Deus para produzir reconciliação com a pessoa que estou visitando, para inteirá-la de que outros se interessam por ela, e de que posso sinceramente ouvir o desabafo de sua dor, embora seja penoso.

Não sei de nada que seja teologicamente mais bem fundado do que essa espécie de relação. A dor de Deus é mais profunda do que qualquer dor que eu possa sofrer quando uma de suas ovelhas perdidas se afasta do rebanho. Mas, Sua alegria é incomparavelmente maior quando essa ovelha é trazida de volta; quando o filho pródigo retorna ao lar.

Visitar os membros inativos é uma atividade profundamente teológica que se encontra no âmago do evangelho. Pois o evangelho, afinal de contas, é a mensagem de reconciliação. ■■

## Que Aconteceu com a família Que Orava Junto?

Denise Turner

Condensado de um artigo publicado na revista *Christian Herald*. Usado com permissão.

Todas as tardes, pontualmente às 6:30h, depois de haver lavado e guardado a louça usada no jantar, todos eles se reúnem junto ao altar da família. Quando o pai abre a enorme Bíblia da família, a mãe e as meninas começam a tomar notas. Os meninos se ocupam em sublinhar passagens em seus pequenos Novos Testamentos. Que maravilhosa família!

Nunca vi tal espécie de família, a não ser talvez nas páginas de antigas lições da escola dominical. Não sei se o fato é bom, mau ou neutro, e isso provavelmente não tem muita importância. O que importa é descobrir como a fé cristã pode harmonizar-se melhor com a vida familiar no mundo hodierno.

— Querido — disse eu a meu marido — por que não lavamos a louça do jantar e não nos reunimos junto ao altar da família às 6:30h, todas as tardes?

— Que altar de família? — perguntou ele. — Você está querendo mais um móvel?

— Quero dizer: Por que não temos um culto familiar todas as noites às 6:30h?

— Provavelmente porque ninguém está em casa — disse meu marido gracejando. — E, além disso, quase nunca consigo ver Walter Cronkite agora, e Deus certamente não quer que eu perca o programa desse homem. Falando sério, não podemos inventar algu-

ma coisa melhor?

Alguna coisa melhor? Eis aí novamente a questão! A mescla da fé cristã e a vida familiar contemporânea necessita de alguma coisa melhor. Devoções familiares antiquadas parecem estar extintas na sociedade hoje em dia, mas onde se encontra "alguma coisa melhor"? No dia seguinte comecei a solicitar a opinião de minhas amigas cristãs.

— Talvez não sejam suficientemente religiosas — declarou uma delas — mas a cena que você acaba de descrever jamais se aplicaria a nós. Temos uma espécie de lar em que as crianças da vizinhança pulam sobre as camas, o cachorro tem de ser levado para fora e o telefone está soando constantemente.

— Não é o que sucede com nós todas?! lamentei.

Outra amiga me disse que já lhe é deveras penoso conseguir que seus três filhinhos fiquem quietos na igreja aos domingos.

— Se eu me submetesse todas as noites a uma tensão como essa — suspirou — receio que todo o conceito de maternidade cristã logo desapareceria de nossa família.

Certa noite, pouco depois de completar minha pesquisa, eu estava cortando aipo para a salada. Meu marido e minha filha estavam fazendo Raggedy Ann cavalgar num animal de brinquedo. "Se tão-

---

## **Talvez requeira um pouco de tempo, esforço e experiência, mas o culto familiar pode ser adaptado às necessidades da família em mutação.... O formato e o horário podem sofrer alterações, mas a necessidade de dar a primazia a Deus em nossa família não é algo variável.**

---

somente seus irmãos da Fraternidade pudessem vê-lo agora!" pensei. Quando parecia que eles estavam fazendo uma pausa, entrei na sala de estar e perguntei:

— De que você quer que sua filha se lembre mais por ter crescido neste lar?

— De que é um lar cristão — foi a resposta.

— E em segundo lugar?

— Não sei — disse meu marido.

— Provavelmente que nos divertimos bastante aqui.

— Ai que está! — pensei. — Esse é o elemento que falta em minha família fictícia.

O pai ou a mãe podem querer introduzir a Bíblia à força em seus filhos durante anos; mas, se os filhos não vêem autêntica alegria na vida de seus pais, toda tentativa para realizar o culto familiar irá fracassar. Vibrante estilo de vida cristão, uma causa pela qual vale a pena viver e morrer, dias repletos de excitação, aventura e prazer — são essas coisas que fazem com que uma criança queira crescer para tornar-se semelhante ao "papai e à mamãe".

Agora minha família tem cada dia um período devocional em conjunto. Naturalmente, é um culto familiar segundo nossa própria índole. Achamos que cada família, por ser diferente de todas as outras, precisa inventar seu próprio sistema.

O nosso consiste simplesmente em reservar cada manhã um breve período de tempo para ler a Bíblia e para conversar uns com os outros e com Deus. É um tempo casual, principalmente porque somos uma família casual e porque

Deus sempre foi recebido de bom grado em nosso lar. Quando temos vontade de rir, rimos com Ele. Quando temos vontade de chorar, choramos com Ele, e é assim que queremos que seja. É assim que queremos que nossa filha também conheça a Deus. Ela nunca será capaz de suportar as pressões do mundo atual sem tal espécie de relação pessoal com o seu Pai celestial.

O período devocional de nossa família surgiu por necessidade. Naturalmente, meu marido e eu achamos que o modelo de vida cristã dos pais é o elemento mais importante no lar de uma criança. Contudo, também sentíamos falta de um período regular para o culto familiar. Precisávamos dele para nós mesmos e para nossa filhinha. Quando inventamos nosso sistema de culto, conversamos sobre como é difícil encontrar uma parcela de tempo em nosso sobrecarregado programa diário. Admitimos que as famílias estão constantemente se alterando e crescendo, e que quando nossa filhinha for se desenvolvendo teremos de planejar algo diferente. Mas admitimos também que o culto familiar é extremamente importante num lar cristão. Organizáramos nossas prioridades de acordo com isso.

Conheço alguns pais que oram com cada um de seus filhos à noite, planejam reuniões familiares quando isto se torna necessário e acham que não se adaptariam a outro tipo de devoção no lar. Outros pensam que jantar juntos e falar sobre um assunto importante é quase "algo impossível". Há algumas famílias, porém, que conseguem dispor de um pouco mais de tempo. Talvez visitem uma livraria, escolham suas obras prediletas e planejem serões de leitura e debate. Ou talvez realizem "sessões familiares" para comentar a lição da última semana.

Outras famílias poupam uma hora no fim de cada dia para estudar juntos um livro devocional ou para experimentar um dos métodos criativos delineados em diversas publicações. E às vezes pequenas coisas são mais importantes do que pensamos. Um amigo contou-me recentemente que sua esposa sempre recorta um pequeno pensamento devocional para o dia e o coloca sobre a mesa em que será servido o desjejum. Através dos anos ele tem compreendido como esse pequeno ato tem ajudado a moldar a fé de sua família.

Há numerosas possibilidades. O importante é que cada um dos

membros da família tenha voz ativa no planejamento do culto familiar e nas considerações sobre as cambiantes necessidades de sua família. O desenvolvimento de cada indivíduo também constitui uma prioridade. Todo cristão necessita de tempo para estar a sós com Deus e para participar de grupos cristãos de estudo, oração e culto. Esta é a única maneira pela qual uma pessoa pode apresentar algo significativo na hora do culto de sua família.

Com tudo isso em mente, eis aqui mais algumas idéias para o culto familiar:

\* As famílias com crianças pequenas podem estimular seus filhinhos a representar histórias bíblicas. Os pais também podem permitir que cada criança relate na hora de dormir o que lhe aconteceu durante o dia e ore então sobre isso.

\* Os adolescentes talvez apreciem uma troca simulada de atribuições. A atenção da família pode concentrar-se num assunto bíblico, sendo representada uma situação imaginária relacionada com ele, na qual uma das crianças desempenha a parte de um dos pais, e vice-versa.

\* Com o passar do tempo, um caderno ou livro em que são anotados os pedidos de oração da família pode tornar-se uma preciosa lembrança. Começai a fazer isso, e explicai então como e quando esses pedidos foram atendidos.

\* Usai parte de vosso período de culto para planejar excursões da família que aprofundem vossa fé. Assisti juntos a um concerto cristão, ou ide ouvir um orador interessante. Um passeio pela Natureza também pode ser divertido, contanto que não tome o lugar da frequência à igreja.

Evidentemente, uma atitude de fé é o ingrediente necessário em qualquer dos métodos de culto familiar. O êxito se encontra na constante oração de que Deus nos ajude a encarar tudo na vida com olhos espirituais. Encontra-se no pai que vê um arco-íris e explica para sua filha a mensagem detrás dele. Encontra-se na mãe que canta "Jesus me ama" enquanto empurra o balanço do filho.

Talvez requeira um pouco de tempo, esforço e experiência, mas o culto familiar pode ser adaptado às necessidades da família em mutação. Provavelmente é muito fácil desistir, mas ter um lar feliz e filhos cristãos bem equilibrados não constitui uma casualidade. Os membros da família que conti-

nuam sendo flexíveis, que se desenvolvem e que variam seus cultos para satisfazer suas necessidades já sabem isso.

Lembro-me da primeira vez que omitimos nossas devoções familiares. Passei o dia sobressaltada, quase esperando ser fulminada por um raio. Isso não aconteceu, porém, e o dia transcorreu suavemente.

— Você acha que nosso período devocional de manhã cedo apenas é um hábito inexpressivo ou uma cerimônia vazia? — perguntei a meu marido aquela noite, após o jantar.

— Um hábito e cerimônia, talvez, mas não inexpressivo nem vazio — disse ele. — Além disso, precisamos reconhecer a utilidade de ter alguns hábitos e cerimônias numa família — acrescentou.

Ele tinha razão. Conversando sobre isso, admitimos que há certas manhãs em que temos a impressão de estar apenas simulando uma ação. Mas meu marido lembrou-me de que “a Bíblia não recomenda que coloquemos a ênfase em nossos sentimentos. Devemos colocar a ênfase em nossa fé”.

É escusado dizer que decidimos continuar com as nossas devoções diárias. O formato e o horário podem sofrer alterações, mas a necessidade de dar a primazia a Deus em nossa família não é algo variável. Precisamos prestar culto como uma família. Com efeito, se nunca houvésemos passado tantas manhãs realizando essa cerimônia, talvez nunca tivéssemos experimentado arroubos espirituais ao longo do caminho, nem fôssemos capazes de falar tão desembaraçadamente sobre Deus em nosso lar.

Realizar o culto em nossa família resultou numa espécie de unidade espiritual no casamento que torna empolgantes e fantásticos todos os outros aspectos da vida matrimonial. Tem ajudado a iniciar o crescimento espiritual de uma menina que agora possui boas possibilidades de tornar-se adulta conhecendo a verdade de que as três grandes coisas não são a riqueza, o poder e a fama, mas praticar a justiça, amar a misericórdia e andar humildemente com Deus (Miquéias 6:8).

— Não! — declarei para mim mesma no primeiro dia em que minha filhinha quis dirigir nossa oração. — Meu conceito sobre as devoções familiares não era antiquado. De maneira alguma! Apenas precisava ser adaptado. ■■

# Estado de Ânimo no Ministério — Um Estudo da Esposa do Pastor como Pessoa

Carole Luke Kilcher, Roger L. Dudley, Des Cummings Jr. e Greg Clark

*O artigo “Estado de Ânimo no Ministério — Um Estudo do Pastor como Pessoa” saiu na revista Ministry de dezembro de 1981. Relatava a primeira metade de um estudo realizado pelo Instituto de Ministério de Igreja da Universidade Andrews e foi autorizado pela Associação Ministerial e de Mordomia da Associação Geral. A segunda metade desse estudo, que aparece nestas páginas, examina o papel da esposa do pastor e os problemas enfrentados por esse componente da equipe pastoral.*

Não há um preparo educacional para tornar-se uma esposa de pastor. A pessoa simplesmente casa com um homem que pretende ser ou já é um pastor, ou que passa a sê-lo depois do casamento. Devido à natureza do trabalho de seu marido, a esposa do pastor está envolvida nessa ocupação — quer tenha ou não algum preparo para isso. Não há uma medida padrão do êxito ou do fracasso; ela precisa estabelecer seus próprios padrões para satisfação ou descontentamento em seu trabalho como a primeira dama do distrito pastoral.

O Estudo Sobre o Crescimento da Igreja na Divisão Norte-Americana foi a primeira pesquisa de vulto efetuada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia que incluiu as esposas de pastores adventistas. (Ver “Novo Conceito da Esposa do Pastor”, *O Ministério Adventista*, janeiro-fevereiro de 1982.) Os resultados desse estudo indicaram a necessidade de mais consideração pessoal à esposa do pastor. Assim, o segundo estudo versou sobre a questão do bem-estar entre as esposas de pastores adventistas. Es-

se questionário, denominado “A Esposa do Pastor Como Pessoa”, foi enviado a 238 esposas de pastores. Destas, 157 devolveram questionários preenchidos e utilizáveis. Quando os resultados desse estudo são comparados com o estudo do estado de ânimo entre os pastores (segundo a pesquisa efetuada entre os maridos das participantes), obtém-se um vislumbre do estado de ânimo no lar dos pastores adventistas.

## O Perfil da Esposa

Cada um dos primeiros treze itens foi apresentado como uma declaração da qual a esposa podia discordar fortemente, discordar um pouco, permanecer neutra, concordar um pouco com ela, ou concordar plenamente.

A análise do Quadro 1 indica que os pastores e as esposas tomam as principais decisões juntos com mais facilidade do que conversam juntos a respeito de seus sentimentos mais profundos. O item “Meu marido sempre me consulta antes de tomar uma decisão

importante (como a aceitação de um chamado)" obteve a porcentagem (94) e a média (4,7) mais elevadas. Só 3% discordaram da afirmação. Foi, porém, menor o número das que admitiram que mantêm uma comunicação aberta com o marido e que podem debater livremente seus mais profundos sentimentos um com o outro. 83% responderam afirmativamente a este item. E só 80% dos pastores participam dos cultos regulares no lar.

Um contínuo programa de educação que satisfizesse as necessidades específicas das esposas de pastores obteve o segundo lugar, com 89% das esposas reconhecendo essa necessidade, e 75% das esposas relataram que têm agora um eficiente programa de desenvolvimento pessoal.

O aspecto favorável do relatório é que 85% das mulheres apreciam ser esposas de pastor e 82% acham que são bem sucedidas nessa função. O conceito de um conselheiro que não esteja ligado à administração e com o qual os pastores e suas esposas pudessem debater problemas só foi combatido por 5% das respondentes.

A descoberta mais alarmante é que 57% das esposas sentem solidão e isolamento no ministério. O item: "Às vezes sinto-me culpada por tirar tempo do trabalho de meu marido para minhas necessidades pessoais" mostrou que esse sentimento de culpa é experimentado por 37% das esposas. Além disso, 21% às vezes desejam que seus maridos abandonem o ministério pastoral.

Só 13% admitiram que os filhos de pregadores suscitam mais problemas para suas famílias do que os filhos de outros membros de igreja. Cerca de 12% achavam que não eram aceitos pelos membros como indivíduos com necessidades idênticas às de qualquer outra pessoa.

Perguntou-se às esposas se elas alguma vez já se preocuparam ou se afligiram com os sete itens mencionados sob os números 14 a 20 (ver Quadro 2). O que produzia mais preocupação (72% das esposas) era "dispor de tempo suficiente para a família". O segundo maior item que ocasiona preocupação diz respeito às finanças, e está intimamente relacionado com o primeiro. Este item obteve a média mais elevada (2,83) e foi relatado por 68% das esposas.

Mais da metade (63%) das mulheres se preocupam em ser competentes esposas de pastor. Já foi

mencionado que sua maior preocupação era a necessidade de tempo só para a família, e este assunto é repetido no item 20 em seu recibo de que "as necessidades dos outros tenham prioridade sobre a família". Para 58% das mulheres isto constitui uma fonte de preocupação.

Metade das esposas (49%) são importunadas com as críticas dos membros a seu respeito, e um terço (33%) se preocupa em receber a aprovação dos administradores da associação. Um terço (32%) também se preocupa em dar-se bem com os membros na igreja.

### **A Alegria Mais Significativa**

Houve quatro questões a serem preenchidas pelas esposas. As respostas à questão: "A alegria ou a oportunidade de maior significação para mim ao participar do trabalho de meu marido é..." foram divididas em trinta e quatro categorias. As que foram escolhidas por significativa porcentagem das esposas de pastores são apresentadas no Quadro 3.

Formar amizades, encontrar-se com pessoas e achar companheirismo constituíram a principal alegria em partilhar o trabalho do marido por parte de 24% das esposas. A resposta "ver pessoas se dirigirem a Cristo na conquista de almas" veio em segundo lugar, com 23%.

A análise do quadro leva à conclusão de que as esposas encontram alegria em trabalhar pelos outros em ministérios de penetração e no cuidado da igreja. Eis algumas respostas características:

"Ver como a vida das pessoas pode ser modificada por intermédio de nossos humildes esforços."

"Poder labutar ao lado de meu marido. Ele diz que somos uma equipe — isso significa muita coisa para mim."

"A oportunidade de visitar juntos os membros da igreja."

### **Os Problemas Mais Reais Para Mim**

A segunda questão a ser preenchida era a seguinte: "O problema ou o conflito que tem sido mais real para mim como esposa de pastor é..." As respostas foram classificadas em quarenta e uma categorias. As que foram escolhidas por significativa porcentagem de esposas aparecem no Quadro 4.

Cumprir notar que as fontes de frustração são mais diversificadas do que as fontes de satisfação. O

assunto do descontentamento parece residir nas áreas de conflito entre as expectativas; divisão do lar, igreja e responsabilidades do trabalho; e seus sentimentos pessoais de incompetência para a tarefa.

Eis alguns comentários característicos:

"Críticas de meu marido! Quando vejo um pastor quase se impelir à extenuação, e sou então constantemente criticada por causa das questões mais triviais, é difícil ficar calada."

"Ter de mudar tanto (4 mudanças de distrito e 6 mudanças de casa em 3 anos)."

"As expectativas e exigências que os outros colocam sobre a esposa do pastor."

"Não ter uma amiga chegada com a qual possa comunicar-me."

"O desejo de que meu marido encontre tempo e tire um dia para estar com sua família."

### **A Quem Dirigir-se em Busca de Conselho**

A terceira questão a ser preenchida era a seguinte: "Se meu marido ou eu tivéssemos de enfrentar um problema pessoal ou familiar, buscaríamos o conselho de..." Houve doze respostas, as quais foram mencionadas no Quadro 5.

A maioria (34%) não confia em outros seres humanos e declarou que só se apegaria a Deus. É interessante notar que quando foi feita a mesma pergunta aos maridos pastores, quase o mesmo número (35%) admitiu que Deus era a única pessoa em quem podiam confiar.

Cumprir notar também que de todas as questões de resposta livre, foi esta a que mais ficou em branco, sugerindo a possibilidade de que as respostas "ninguém" e "não sei ao certo" poderiam ter sido mais frequentes.

O fato de 12% acharem que poderiam dirigir-se aos administradores da associação deveria servir de estímulo para a crescente percepção de que os administradores também podem ser amigos e confidentes.

O fato de que 74% das respostas admitiram ser importante que a associação providencie um conselheiro profissional que não tenha vínculos administrativos indica crescente necessidade neste setor, que poderia elevar o estado de ânimo das esposas de pastores.

### **Nível de Consecução Educacional**

Algumas estatísticas interessantes dizem respeito ao nível ou grau de educação alcançado ou completado pelas esposas de pastores (Quadro 6). Uma esposa tinha um curso de pós-graduação e outra só concluíra a oitava série. 31% das esposas tinham quatro anos de faculdade, porém mais da metade (52%) completara dois anos de faculdade ou menos. Só 7% tinham o grau de mestrado.

Como um número cada vez maior de pastores tem o grau de Mestrado em Divindade, e cada vez se dá mais ênfase ao grau de Doutor em Ministério, a lacuna entre o nível educacional do marido e o da esposa se amplia. Isso poderia assinalar uma provável área de discórdia conjugal.

As esposas externaram uma sensação de incompetência como esposas de pastores em vários itens do questionário. A incapacidade intelectual não constitui uma exceção. Uma pessoa escreveu: "Eu não me sinto plenamente capaz como esposa de pastor no âmbito intelectual."

Diante da iniciativa tomada por nossos dirigentes denominacionais no sentido de prover contínuas oportunidades educacionais para os pastores, cumpre lembrar que 89% das esposas também confirmaram essa necessidade. Talvez proporcionando contínuas oportunidades de educação para as esposas de pastores fosse elevado o nível de sua confiança pessoal. Isto também fortaleceria o estado de ânimo.

## Conclusões

Podem ser tiradas diversas conclusões das descobertas apresentadas até agora:

1. Muitas mulheres estão basicamente felizes com o seu papel como esposa de pastor. Na realidade, a grande maioria gosta dessa vocação e acha que está sendo bem sucedida.

2. Além desses sentimentos positivos, há conflitos. A maioria tem graves preocupações. Dois terços experimentam sentimentos de solidão e isolamento no ministério, 58% ficam apreensivas porque as necessidades dos outros têm prioridade sobre as necessidades da família, 63% se preocupam em ser esposas competentes, 68% se afligem com as finanças e 72% querem dispor de tempo suficiente para estar com a família.

3. Outras preocupações são relatadas por uma minoria — às vezes uma pequena minoria — das

esposas. No entanto, quando essas porcentagens são aplicadas a todas as esposas de pastores, representam muitas esposas perturbadas. Embora não haja um relatório oficial a respeito, calcula-se que aproximadamente 2.500 esposas de pastores labutam na Divisão Norte-Americana. Isto significa que os 21% que às vezes têm vontade de que seus maridos abandonem o ministério pastoral podem representar 525 esposas. E os 37% que se sentem culpadas por tirar tempo do trabalho do marido para suas necessidades pessoais equivalem a 925 mulheres. Até mesmo o relativamente baixo número de 3% cujos maridos nem sempre as consultam antes de tomar uma decisão importante, e os 6% que não têm uma comunicação aberta com seus cônjuges equivalem respectivamente a 150 e 300 esposas.

Quanto às porcentagens maiores, a situação é pior. Talvez 1.575 esposas se preocupem em cumprir adequadamente o papel de esposa de pastor, 1.675 às vezes sintam solidão e isolamento no ministério, e 1.800 recebem não dispor de tempo suficiente para a família.

4. As alegrias mais importantes experimentadas por essas esposas ao partilharem do ministério de seus maridos giravam em torno de amizade, de ver pessoas dirigir-se a Cristo, de nutrir o crescimento espiritual e pessoal de outros indivíduos e de labutar com seus maridos como membros de uma equipe.

5. Os problemas e conflitos mais reais para as esposas de pastores têm que ver com as expectativas de vários grupos (membros, associação, comunidade, marido) a respeito delas, com a sensação de ocuparem uma posição secundária, com sentimentos pessoais de incompetência nessa função, com mudanças freqüentes, com a falta de amizades chegadas, com o tempo em geral e com as pressões financeiras. Se uma esposa feliz é igual a um pastor feliz, a liderança precisa desenvolver sistemas de apoio às esposas de pastores e reestruturar a profissão pastoral de tal modo que sejam eliminadas ou reduzidas muitas áreas de conflito. Deve ser desenvolvido um clima em que os pastores possam edificar fortes vidas interiores como parte vital de seu ministério.

6. É interessante notar que embora as frustrações dos maridos (segundo foi relatado no estudo correspondente) estivessem todas relacionadas com os seus deveres profissionais, os problemas e os

conflitos das esposas estavam todos ligados a questões pessoais e familiares. Isto está em harmonia com muitos estudos que revelam que os homens obtêm sua identidade de funções relacionadas com o trabalho, ao passo que as mulheres obtêm sua identidade de funções relacionadas com a família. É aí que se encontram as raízes dos problemas. Os pastores podem estar tão ocupados com os seus deveres e receber tanto reforço positivo para seu desempenho tido em alto conceito, que se esqueçam com facilidade do lar. A esposa, concentrando a atenção no lar e na família, sente intensamente a negligência e a solidão. Assim está preparado o caminho para um colapso nas comunicações e uma brecha nas relações.

7. A maioria das esposas de pastores (ou seus maridos) não sabem aonde dirigir-se em busca de conselho quando enfrentam grave problema pessoal ou familiar. Reconhecem que a providência de abalizados conselheiros cristãos profissionais sem vínculos com a administração seria um bom acréscimo ao sistema de apoio pastoral. Os administradores de associação verificarão que este investimento na saúde mental ministerial constitui um dos mais sábios usos de seus recursos financeiros.

8. As esposas de pastores não se acham suficientemente preparadas para suas funções. Menos de 8 por cento têm cursos de pós-graduação, e menos de 40 por cento concluíram algum curso superior. Atualmente o mestrado em livindade é a preparação padrão para o pastorado, e crescente número de pastores estão obtendo o grau de doutor em ministério. Embora a quantidade de educação formal nunca deva ser usada como norma de avaliação para predizer o êxito ou o fracasso duma esposa de pastor, a lacuna entre as consequências educacionais dos cônjuges apresenta dois importantes aspectos que causam preocupação: a) A esposa de pastor tem de enfrentar alguns dos mesmos reclamos sobre seu tempo e liderança que seu marido, o qual obteve habilidades e preparo por meio da educação. b) A ampliação da lacuna entre o preparo do pastor e o de sua esposa aumenta a possibilidade de problemas de comunicação no lar. É mister um marido sensível para compensar esta parte. É imperativo que ele afirme publicamente qual é o setor em que ela prefere exercer seus dons particulares. Isto lhe dará liberdade para ser o

Quadro 1 Respostas a Diversos Itens — Discordando ou Concordando

Item	Discordam %	Concordam %	Média (1 a 5)
1. Programa de crescimento pessoal	11	75	3,85
2. O marido participa no culto familiar regular	13	80	4,09
3. Interesse num contínuo programa de educação	3	89	4,41
4. Aprecio ser esposa de pastor	4	85	4,24
5. Creio que sou uma esposa de pastor bem sucedida	3	82	4,05
6. Desejo de abandonar o ministério pastoral	68	21	1,94
7. Sentimento de culpa por tirar tempo do trabalho do marido	50	37	2,68
8. Prover conselheiro sem vínculos administrativos	5	74	4,07
9. Os filhos de pastores ocasionam mais problemas do que os outros filhos	72	13	2,00
10. Solidão e isolamento no ministério	24	67	3,53
11. Meu marido e eu trocamos idéias antes de tomar uma decisão importante	3	94	4,70
12. Comunicação aberta com meu marido	6	83	4,22
13. Aceitação como indivíduo com necessidades	12	71	3,80

Quadro 2 Respostas a Itens de Preocupação Pessoal

Item	Nunca/Raramente %	Às Vezes Com Frequência %	Média
14. Importunada com as críticas dos membros a meu respeito	53	49	2,41
15. Preocupada com a aprovação dos superiores na associação	66	33	2,04
16. Preocupada com as finanças	32	68	2,84
17. Preocupada com a competência como esposa de pastor	37	63	2,70
18. Preocupada em dar-se bem com os membros	68	32	2,17
19. Preocupada em dispor de tempo suficiente para a família	28	72	2,83
20. Afligida porque as necessidades dos outros têm prioridade sobre as necessidades da família	41	58	2,63

Quadro 3 A Alegria Mais Significativa ao Participar do Trabalho do Marido

Categoria	Setor	% Escolhas
1.	Amizades/encontrar-se com pessoas/companheirismo	24
2.	Ver pessoas dirigindo-se a Cristo/conquista de almas	23
3.	Cuidado espiritual das pessoas/desenvolvimento pessoal	16
4.	Visitação	14
5.	Tempo partilhando o trabalho juntos/equipe	12
6.	Ajudando as pessoas em seus problemas/necessidades	10
7.	Ministério em favor de jovens e crianças	10
8.	Dando ou ajudando a dar estudos bíblicos	8
9.	Ver pessoas sendo batizadas/unindo-se à igreja	6
10.	"Preenchendo a lacuna" nos ministérios da igreja/ajudando nas atividades	5
11.	Meu desenvolvimento pessoal para o serviço	4
12.	Desenvolver o envolvimento dos dirigentes e membros na igreja	3
13.	Trabalhar com mulheres	3
14.	Ajudar em reuniões evangelísticas	3
15.	Viajar/mudar-se	3
16.	Trabalhar com novos conversos e sentir sua alegria	3

Quadro 4 O Problema Mais Real Para Mim		
Categoria	Setor	% Escolhas
1.	Expectativas a meu respeito	15
2.	A esposa e a família ocupam uma posição secundária em relação com o trabalho do marido	14
3.	Sentimentos pessoais de incompetência como esposa de pastor	11
4.	Mudar-se freqüentemente/transferências	10
5.	Não ter amizades chegadas/solidão	9
6.	Pressões sobre o tempo em geral	7
7.	Meu conflito entre os filhos e a ajuda ao marido	6
8.	Trabalhar fora de casa	6
9.	Ver meu marido ser criticado/em conflito com os membros	4
10.	Lidar com as críticas a meu respeito	3
11.	As finanças da família	3
12.	Arranjar novo emprego devido a mudanças	3
13.	Apatia dos membros/indiferença e falta de envolvimento	3
14.	Expectativas de meus filhos	3
15.	Expectativas de meu marido	3

Quadro 5 A Quem Dirigir-se em Busca de Conselho		
Categoria	Setor	% Escolhas
1.	Deus	34
2.	Outro pastor ou outra esposa de pastor	16
3.	Administração da Associação	12
4.	Ninguém	8
5.	Não sei ao certo	8
6.	Amigos chegados	7
7.	Pais	6
8.	Cônjuge	6
9.	Conselheiro profissional	6
10.	Parentes/família	4
11.	Bíblia	4
12.	Espírito de Profecia/White Estate	4

Quadro 6 Grau ou Nível de Educação	
Nível	% das Respostas
Pós-graduação	0,64
Mestrado	7
4º Ano de Faculdade	31
3º Ano de Faculdade	8
2º Ano de Faculdade	17
1º Ano de Faculdade	13
2º Grau (12ª Série)	13
2º Grau (11ª Série)	0,64
1º Grau (8ª Série)	0,64
Não deram resposta	8

que ela é e para servir na posição singular que ocupa como esposa de pastor. Uma possível solução de algumas mulheres para os problemas que vieram à tona nessa pesquisa é elevar a vocação de esposa de pastor a um verdadeiro nível profissional. Isto requererá nova ênfase à educação da esposa, antes do serviço e durante o mesmo, para sua parte vital do ministério. Naturalmente, cada mulher é um indivíduo, e nenhuma esposa deve ser compelida a receber esse pre-

paro e desempenhar esse papel, ou a sentir-se culpada se preferir não fazê-lo. No entanto, deve-se prover a oportunidade.

Outra possível solução é criar a opção de equipe para casais pastorais. Há muitas maneiras pelas quais um casal pode ser mais eficiente no cumprimento da missão da igreja do que uma só pessoa. As esposas que se consideram uma parte integrante da equipe não têm tanta probabilidade de se sentirem isoladas, solitárias e frustra-

das. As associações devem procurar meios de incentivar e adestrar equipes ministeriais.

9. Nossa estrutura ministerial requer que os administradores se ausentem do lar durante dias e até meses consecutivos. O "sacrifício" efetuado por eles ao ficarem longe da família é apresentado aos pastores e suas esposas como louvável e honroso. Talvez seja tempo de examinar devidamente essa tendência sob o aspecto do papel-modelo que isso constitui para ou-

tros. É tempo de confirmar o papel do pastor como pai, marido e sacerdote do lar e reconhecer sua necessidade de levar uma vida equilibrada.

O desenvolvimento das relações familiares na casa pastoral não constitui um desvio da obra do ministério, uma espécie de mal necessário; é algo fundamental. A menos que o casal pastoral esteja em harmonia, trabalhando juntos

com um senso de alegria e missão, o pastor logo ficará desalentado, e a eficácia de seu ministério sofrerá um declínio ou cessará. Além disso, o casal pastoral constitui um modelo para a igreja do que Deus tencionava fosse todo lar: um ambiente solícito no qual cada membro ama, apóia e anima os outros em sua viagem para o reino dos Céus. ■

corrompida por maus hábitos, mas 'como um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus'." — *Idem*, págs. 57 e 58.

Deus criou um sistema de comunicação entre todos os sistemas do organismo e o ambiente que o rodeia. O sistema nervoso controla não somente as funções voluntárias, como o movimento dos músculos, o ato de comer e beber, a audição, a visão, o tato, etc., mas também as funções involuntárias ou vegetativas, tais como o coração e o aparelho circulatório, os pulmões e o aparelho respiratório e o sistema gastrintestinal. Estes se acham programados de tal modo que continuam seu trabalho sem a intervenção da vontade ou do pensamento.

O órgão por excelência, o cérebro, integra o domínio cognitivo e afetivo pela atividade eletroquímica da mente. Os cinco (ou mais) sentidos são as avenidas da alma que provêm as sensações e percepções que os nervos captam e elaboram. A mente é um órgão físico e, portanto, os pensamentos e sentimentos fazem parte do trabalho das células nervosas que têm interesses comuns e funções especiais. O cérebro controla nossa vida e seus processos e também os sistemas de apoio. Quando a pessoa morre, esse processo eletroquímico deixa de funcionar e cessa a atividade mental. A mente, em si, é uma entidade maravilhosa que pode transmitir, guardar, desenvolver e processar informações como eficiente computador.

As avenidas físicas da mente também permitem o trabalho do Espírito Santo, o qual já tem um sistema estabelecido que opera com eficiência para a formação do caráter. O Espírito Se revela em Seus diversos frutos que na realidade são componentes do caráter humano.

O Espírito de Deus pode operar ao serem bloqueadas as avenidas que dão acesso à mente. Ellen White se refere a isto ao dizer: "O Espírito de Deus não pode vir em nosso auxílio, e assistir-nos no aperfeiçoamento do caráter cristão, enquanto estivermos sendo indulgentes para com o apetite em prejuízo da saúde, e enquanto o orgulho da vida domina." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 57.

Podemos dizer que temperança é viver ou funcionar dentro dos limites biológicos que foram estabelecidos na própria criação. Todos os sistemas ou aparelhos do organismo colaboram para manter o

# Saúde e Temperança

**DRA. IRMA B. VYHMEISTER**

Miguel Ângelo Buonarotti, ao esculpir a estátua de Moisés em toda a sua beleza e perfeição, por um momento teve a impressão de que a estátua era viva. Com seu grande talento, forjou do duro mármore uma réplica de um modelo vivente. Mas a obra de arte de Miguel Ângelo permaneceu muda e inerte através dos séculos, pois dar vida só é uma prerrogativa de Deus.

Em contraste com isso, Deus esculpiu a obra-prima da criação e transformou esse modelo inerte num ser vivente. Essa proeza não pode ser repetida pelo homem. O alento de Deus está fora de seu alcance.

As mesmas leis que governam e controlam o Universo são as leis que Deus inscreveu pormenorizadamente em cada órgão, músculo e nervo do corpo humano. De acordo com as leis da genética, a própria vida nasce da fusão de duas células. Forma-se um novo ser e se multiplica com rapidez. No fim de algumas semanas as novas células se diferenciam em suas funções, de acordo com o tecido que formam. É maravilhoso, porém, que há íntima relação entre todo esse conjunto de tecidos, órgãos e siste-

mas que mantêm o organismo inteiro em equilíbrio. Este equilíbrio é a saúde, que denota completo bem-estar.

A intemperança nos hábitos de vida rompe esse equilíbrio, e o organismo não pode resistir ao impacto. Se o transtorno é grave, o organismo adoce. Qualquer alteração num membro, tecido ou órgão prejudica todo o corpo. A condição morbosa pode ser de tal gravidade que o corpo sofre, se debilita e morre. Portanto, a condescendência pessoal e a intemperança destroem inexoravelmente o ser. Então é necessária uma reforma para que o organismo retorne a seu estado de saúde e bem-estar. Os princípios dessa reforma são os mesmos que os de saúde e temperança que regem a vida e mantêm seus processos em equilíbrio.

Ellen White, ao focalizar o ser humano em sua totalidade, disse: "Aquilo que corrompe o corpo tende a contaminar a alma." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 57. "Requer que nossos hábitos no comer, beber e vestir sejam de tal modo asseguradores da saúde física, mental e moral que possamos apresentar nossos corpos ao Senhor, não como uma oferta

equilíbrio biológico entre as substâncias no sangue e nas células, a fim de possibilitar o melhor trabalho nos diversos tecidos e órgãos. Um bom exemplo é o açúcar ou glicose no sangue, cujo índice varia de 70 a 100 miligramas por 100 mililitros de sangue, em jejum. O alto ou o baixo índice de glicose ocasiona distúrbios que comprometem grandemente a saúde. Para manter o nível normal de glicose no sangue, diversos mecanismos entram em ação para assegurar esse equilíbrio e evitar as consequências provenientes do excesso ou da falta desse material.

Acontece a mesma coisa com outras substâncias, como o cálcio, o ferro, a hemoglobina, a albumina e até mesmo a alcalinidade ou a acidez do sangue (pH). A manutenção desses limites biológicos chama-se homeostase — um termo que se refere à resistência que o organismo oferece à modificação de suas condições internas.

Procurar manter esses limites biológicos assegura a saúde do corpo e da mente. Vários fatores nos ajudam a viver eficazmente. Mencionaremos alguns:

#### 1. Domínio-Próprio

Abster-se do que é prejudicial, usar com moderação o que é bom e dominar a própria vida é difícil. Paulo expressou-o desta maneira: "Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço." Rom. 7:19. No entanto, ele mesmo nos dá a solução: "Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis." Rom. 8:26.

#### 2. Temperança

"A fim de que a saúde seja preservada, é necessária a temperança em todas as coisas — no trabalho, no comer e no beber. Nosso Pai celestial enviou a luz da reforma pró-saúde a fim de proteger contra os males resultantes do apetite pervertido, de modo que os que amam a pureza e a santidade possam saber como usar com discrição as boas coisas que lhes proveu, de forma que pelo exercício da temperança na vida diária, sejam santificados pela verdade." — *Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 23.

#### 3. Viver Plenamente

Viver em paz e boa vontade com

nós mesmos, com os que nos rodeiam e com aqueles com os quais diariamente nos pomos em contato tornará nossa vida abundante e feliz. Disse Jesus: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." S. João 10:10.

#### 4. Alimentação Racional

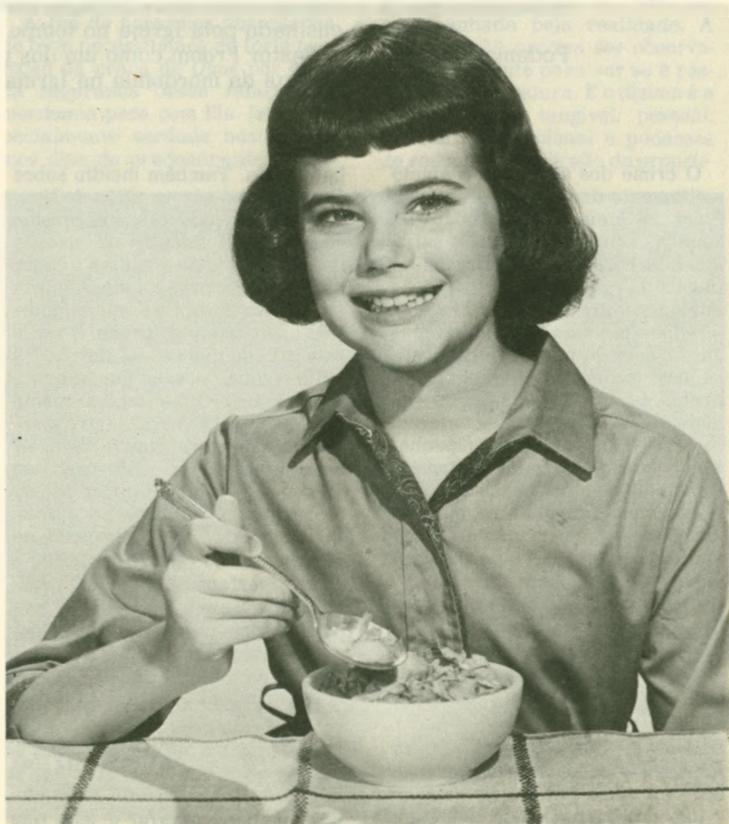
As funções do organismo dependem da ingestão diária de substâncias ou nutrientes nos alimentos. Estes devem ser escolhidos com cuidado para satisfazer as necessidades do organismo. Devemos beber suficiente água para manter o equilíbrio hídrico. Cumpre evitar o excesso de gorduras e açúcares que aumentam as calorias sem aumentar os nutrientes. O regime alimentar deve compor-se de grãos ou cereais não refinados até onde for prático, leguminosas, nozes e sementes para complementar as proteínas, abundância de frutas e vegetais para vitaminas e minerais. Além disso, o leite e os ovos provêem excelente proteína e outros nutrientes. A falta de certos nutrientes é crucial para as células, incluindo as células nervosas que dependem do sangue para obter o que necessitam. Hoje o enfoque de muitos estudos científicos é

a relação de certos nutrientes com o trabalho do sistema nervoso, especialmente as substâncias neurotransmissoras, envolvidas nos processos mentais, incluindo a memória.

Há um grande campo aberto para investigação nestas áreas para compreender o efeito da alimentação no desenvolvimento e na saúde da mente e do tecido nervoso. Crianças desnutridas em tenra idade têm um número menor de células no cérebro. O tamanho dessas células também é menor. Não sabemos ao certo o que isso implica, mas essas crianças não têm a mesma agilidade mental para aprender e para decidir que as crianças bem alimentadas.

Nosso corpo não é uma estátua inerte forjada de um pedaço de mármore pelo cinzel e o martelo de um artista, mas é uma criação viva, uma obra de arte biológica, dotada do poder de raciocinar, decidir, pensar e sentir emoções. Em Seu grande amor, Deus proveu a via de comunicação com o homem — o sistema nervoso — que permite o trabalho do Espírito Santo, para a formação do caráter que nos guia para viver uma vida abundante e nos prepara para as alegrias da vida futura. 

Arquivo Casa



# A Mordomia em Seus Aspectos mais Amplos

L. E. Froom

O Pastor LeRoy E. Froom, falecido em 1974, era um dos mais brilhantes historiadores e teólogos de nossa Igreja. Este artigo foi publicado originalmente na revista *The Ministry*, em junho de 1960.

Depois de 23 anos continua sendo uma das obras mais profundas e incisivas que já foram escritas sobre o amplo conceito de mordomia, tal qual é ensinado pela Igreja no tempo presente.

Podemos considerar o Pastor Froom como um dos precursores do novo enfoque da doutrina de mordomia na Igreja Adventista.

O crime dos séculos é o abjeto aviltamento do dinheiro. A cobiça é um dos mais cruéis inimigos do homem. Tem advindo mais sofrimento à raça humana através do flagelo do ouro do que através de qualquer outra fonte. Ele tem inspirado as mais vis e pérfidas ações na história do mundo. Impérios e nações foram arruinados, continentes se lançaram nas guerras mais sangrentas e devastadoras, famílias e indivíduos se empenharam nas mais acirradas contendas e disputas, não por causa de penúria e angustiante pobreza, mas devido a injusto e perverso abuso do dinheiro. A cobiça, "o pecado que temos receio de mencionar", é um dos pecados mais perigosos e funestos mencionados na Bíblia. Um dos Dez Mandamentos versa exclusivamente sobre ele, e isto denota que constitui um dos piores inimigos da vida humana.

O pecado da cobiça não ficará impune. O desagrado divino incidiu sobre Acã porque ele cobiçou e tomou a barra de ouro e a capa

babilônica. Também incidiu sobre Geazi, o qual correu atrás de Naamã e, com palavras mentirosas, recebeu dois talentos de prata e duas vestes festivas, mas a lepra de Naamã se pegou a ele. A morte feriu a Ananias e Safira, os quais retiveram parte do preço. É sobre este pecado que estou falando. Há milhares de pessoas que retêm e usam sistemática e habitualmente o dinheiro de Deus. O oitavo mandamento não diz: "Não furtarás — exceto do Senhor." Ah! cada um de nós terá de comparecer perante o tribunal de Cristo para prestar contas do que recebemos e do que damos, do que acumulamos e do que gastamos, de nossos motivos e de nossos métodos. Tudo isso passará pela penetrante investigação d'Aquele cujos olhos são "como chama de fogo".

Posso inserir aqui algumas palavras sobre a relação entre a espiritualidade e o dinheiro? Reconheço que para muitos a questão do dinheiro é um assunto delicado. Esse metal ordinário e sujo que

chamamos de dinheiro e que parecemos desprezar em ocasiões de enlevo espiritual, deve ser evitado. Nossas sensibilidades espirituais são tão delicadas que somos propensos a elevar-nos acima de um assunto tão sórdido. Quando um pregador fala sobre dinheiro, é provável que ele será criticado por alguns que clamam pelo "evangelho". Se, porém, a questão do dinheiro não está incluída no evangelho, então Jesus passou grande parte de Seu tempo pregando e ensinando alguma coisa fora do evangelho, e grande parte do Novo Testamento trata de um assunto alheio ao evangelho. O cristianismo aplicado requer que seja considerada a questão do dinheiro. Isto é muitas vezes a prova decisiva de toda a nossa profissão religiosa.

Talvez imaginemos que o maior Mestre espiritual de todos os tempos Se restringisse a fazer discursos sobre fé, esperança e amor. Para muitos constitui uma verdadeira surpresa ficar sabendo

quanto Jesus tinha que dizer sobre o uso correto ou errado de propriedades ou dinheiro. Isto era o assunto da maioria de Suas mensagens e parábolas. É-nos declarado que um versículo de cada seis em S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas versa sobre dinheiro, bem como dezesseis das vinte e nove principais parábolas.

### O Que Jesus Pensava e Disse Sobre o Dinheiro

O que os homens pensam é irrelevante, mas é de capital importância saber o que Jesus pensava e disse sobre o dinheiro. Examinemos rapidamente os pontos altos de Seus ensinamentos. Começemos com o maior sermão do mundo, em S. Mateus 6:19-34. Notemos as frases: "Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a Terra." "Ninguém pode servir a dois senhores." "Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber." "Buscai, ... em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." Em S. Mateus 19:16-22 encontra-se a entrevista com o jovem e rico príncipe. Atentemos nas palavras: "Vende os teus bens, dá aos pobres, ... depois vem, e segue-Me."

A dificuldade era que esse jovem não se considerava mordomo, e, sim, proprietário. Caso tivesse a verdadeira visão, não acharia penoso desfazer-se do dinheiro do Senhor. Deus submeteu Abraão à prova, mas não permitiu que ele a levasse a cabo. Cristo submeteu o jovem príncipe à prova, e ele fracassou. Caso houvesse começado a cumpri-la, Jesus certamente o teria detido. Não queria o seu dinheiro; desejava salvar-lhe a alma. "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!" S. Mar. 10:23.

Quando Jesus acabou de falar com o jovem príncipe, Pedro perguntou: "Que receberemos?", e Jesus assegurou-lhe o décuplo das necessidades materiais e a vida eterna. (S. Mat. 19:27-29, Almeida, antiga.) Então, em S. Mateus 20, temos a parábola do chefe de família; em S. Mateus 21, a parábola da vinha e dos lavradores infiéis; e em S. Mateus 22, os fariseus procuram enredá-Lo em impostos e dízimos. Ele replica: "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus." Assim Cristo reconhece o direito do Estado de lançar impostos sobre os cidadãos. É claro e lógico que Ele se refere à devolução do dízimo, na mesma frase, ao falar de nossa re-

lação para com Deus.

Em S. Mateus 23 Jesus profere um "ai" sobre os dizimistas literais que violam tão flagrantemente todo o espírito da devolução do dízimo. Em S. Mateus 25 encontra-se a parábola dos talentos. O Mestre salienta várias vezes o princípio de que Deus deixou esses talentos em custódia, e somos responsáveis a Ele. Em S. Marcos 12 Jesus está sentado diante da caixa das ofertas, e extrai uma lição da viúva e suas duas pequenas moedas. O ato de dar dinheiro — uma parte de nossa vida religiosa — sendo observado por Cristo! Que pensamento! Lemos em S. Lucas 12:15: "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avaréza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui." E em seguida vem a parábola do rico insensato e a pergunta: "E o que tens preparado, para quem será?"

Em S. Lucas 16 se encontra a parábola do mordomo injusto. Este é o aspecto culminante. *Mordomo!* e o direito de proprietário da parte de Deus! Como podemos fazer semelhante estudo sem ficar profundamente impressionados de que a respeito dessa questão monetária não somente há perigo mas também abundante orientação e ajuda?

A fim de livrar-nos das ciladas do ouro necessitamos da forte proteção da graça de Deus por meio da segurança dessa relação de mordomia para com Ele. Isto é especialmente verdade nestes últimos dias de predominante avaré-

za. Referências à mordomia fulguram na Bíblia do Gênesis ao Apocalipse, incrustadas em suas páginas como verdadeira via-láctea — 1.565 ao todo. Portanto não preciso pedir desculpas por conduzir vossa mente, durante breve espaço de tempo, a este aspecto financeiro da questão de mordomia.

Devidamente compreendido e praticado, devolver o dízimo constitui um ato de adoração tão essencial como a oração e o louvor. Adoração é a entrega de si mesmo a Deus. O dinheiro, em certo sentido, é uma parte da própria pessoa, pois requer o uso do cérebro e dos músculos. "Que darei ao Senhor?" pergunta o salmista. A resposta é louvor, adoração, culto, coração, vida e dinheiro. Semelhante reconhecimento não é nada menos que um ato de adoração. Os cristãos chineses chamam os dízimos de "dinheiro fragrante". O incenso, com sua coluna de aromática fumaça ascendente, sempre tem sido um símbolo de devoção. "E o Senhor aspirou o suave cheiro."

É verdade que o ponto essencial não é o dízimo, mas o dizimista; não a dádiva, mas o doador; não o dinheiro, mas o homem; não as posses, mas o possuidor. A profissão não é suficiente. Ela deve ser acompanhada pela realidade. A consagração precisa ser observada atentamente para ver se é realidade ou impostura. E o dízimo é a maneira mais tangível, pessoal, prática, proporcional e poderosa de reconhecer o direito de proprie-



Arquivo Casa

tório da parte de Deus e a mordomia do homem inventada desde a criação do mundo.

### **Espiritualidade, Não Comunismo, no Pentecostes**

Isso não foi comunismo ou socialismo, nem um nivelamento para cima ou para baixo. A essência do comunismo é "nós mesmos"; o âmagô da mordomia é "outros". Eles são tão afastados como os pólos, e tão diferentes como o dia e a noite. O socialismo é uma filosofia de vida falsa e ilusória. Eis a sua acrimônia: ela se demora numa utopia de meias-verdades. Proclama nobres ideais de igualdade, fraternidade e justiça — sem Deus. Mas na experiência real ela sucumbe diante do fato inexorável de que os homens são egoístas, desconfiados, gananciosos — e incapazes de regenerar-se por si mesmos. A mordomia reconhece, porém, que Deus é o supremo Dono das propriedades e dos recursos. Afirma que a posse sob a Sua tutela constitui o desafio da administração fiel. Embora não reivindicuemos direitos de propriedade, não podemos honestamente desempenhar o dever de depositários transferindo a administração ao corpo coletivo da sociedade. O próprio indivíduo, e não outro, é responsável a Deus.

A mordomia foi gloriosamente real no tempo da chuva temporã. Sob a chuva serôdia, ela está fadada a ocupar novamente o lugar que lhe foi designado. Quando o Espírito Santo desceu no Pentecostes para habitar nos homens, Ele assumiu o domínio e controle de toda a vida dessas pessoas. Não devia haver coisa alguma que não estivesse sob a Sua inspiração e direção. Era inevitável, portanto, que as posses e propriedades dos discípulos e seu dispêndio de dinheiro estivessem sujeitos a Sua autoridade. Suas rendas e seus gastos eram dominados pelo Espírito Santo e governados por este princípio. A salvação não seria completa e adequada se não provesse libertação do maléfico poder do dinheiro.

A lição do Pentecostes é a certeza de que quando o Espírito Santo entra no coração em Sua plenitude, as posses terrenas perdem o primeiro lugar, e o dinheiro só tem valor como meio de provar nosso amor a Deus e prestar serviço a nosso próximo. Deus e eu somos sócios e cooperadores. As palavras são abundantes, baratas e fáceis. No entanto, ao exercermos fé descansando no sábado, o dia

---

## **A lição do Pentecostes é a certeza de que quando o Espírito Santo entra no coração em sua plenitude, as posses terrenas perdem o primeiro lugar, e o dinheiro só tem valor como meio de provar nosso amor a Deus e prestar serviço a nosso próximo.**

---

mais movimentado do mundo rebelde, e ao entregarmos nosso dízimo ao tesouro do Senhor com o mesmo espírito, estamos exercendo a mesma fé. Não podemos servir a Deus e ao dinheiro, mas podemos servir a Deus com o nosso dinheiro. A queixa quanto à tremenda necessidade de mais dinheiro para a obra de Deus hoje em dia é simplesmente uma evidência da escassa medida em que o poder do Espírito Santo é conhecido entre nós.

### **Fruição, Não Direito de Proprietário**

Volvamo-nos agora do aspecto estritamente monetário para a consideração dos poderosos princípios que constituem as pedras fundamentais da mordomia. Pensemos mais uma vez no direito de proprietário da parte de Deus. O mundo é do Senhor porque Ele o formou. Sem a Sua perpétua preservação, ele se desintegraria. Deus tem, portanto, direitos de proprietário, em todas as coisas do homem. É verdade que o homem possui; mas *posse* não é *direito de proprietário*. Devolver o dízimo indica se reconhecemos que apenas somos depositários ou se nos fazemos de proprietários.

Energia vital em qualquer forma — física, mental, moral ou espiritual — é um depósito de Deus. Separados dEle nada podemos fazer. Não podemos produzir nem ganhar coisa alguma sem a contínua cooperação do Criador. Toda pessoa que vem ao mundo é devedor a Deus e dependente de Seus benefícios. Vivemos à custa do tempo de Deus, fazemos negócios

com o capital de Deus, provido sob a condição de que Ele receba um décimo, seja o Credor de preferência e Sua parte venha primeiro. Por conseguinte, devolver o dízimo é o reconhecimento do direito de proprietário da parte de Deus sob Suas próprias condições. Esta cláusula perpétua é fundamentalmente correta e estará em vigência enquanto durar a vida humana. Tal é a verdadeira filosofia cristã do dinheiro ou da propriedade. Se me torno remisso, sou indigno da confiança que é depositada em mim e passo a ser um defraudador, perdendo meu direito de sociedade com Deus. Ai daquele que viola essa obrigação!

Tal reconhecimento do supremo domínio de Deus torna-se uma tremenda compulsão na vida espiritual, a operação de um princípio e um privilégio que assinala sua ampliação, pois conscientemente entro em sociedade com Deus na totalidade da vida. É uma contínua confissão de minha limitação e dependência, e Seu amoroso cuidado está continuamente diante de mim. Assim o ato de devolver o dízimo torna-se, como deve ser, essencialmente uma questão do coração, ao passo que a mordomia faz da vida uma vocação sagrada. Sou o homem de Deus e Ele é meu Deus, o que constitui a verdadeira relação do novo concerto.

### **O Homem Como Mordomo, Não Como Depositário**

Em relação com isto, o vocábulo "depositário" é demasiado frio e formal. Quando muito, ele apenas é sugestivo. O depositário administra os bens de um testador falecido ou ausente. Seu serviço é controlado por verificações e requisitos legais. Jesus emprega o vocábulo oriental "mordomo", que não somente é um depositário e um servo, mas também um amigo. Mordomo é o intérprete da vontade de seu vivente e amoroso Senhor. E um dos privilégios do mordomo é partilhar do que ele ajuda a produzir. Esta designação implica toda a atitude cristã para com a propriedade, renda, salário e riqueza.

"Mordomo" provém do grego *oikonomos*, que deu origem à palavra "economista". A mordomia não é um cargo de servilismo, mas uma relação confidencial de lealdade. O mordomo é responsável por administrar os interesses de seu sócio principal na ausência deste. Não é um simples servo. É nosso ditoso privilégio elevar-nos da posição de servidão legal para

a de amizade. Abraão, que dava o dízimo, "foi chamado Amigo de Deus", ao passo que "o servo não sabe o que faz o seu senhor".

Quanto à justiça da reivindicação de Deus sobre o dízimo, podemos citar uma analogia da vida secular. Estamos familiarizados com a ética das obrigações humanas, e a aprovamos. É uma regra de honra entre todos os homens pagar o valor suficiente pelo uso de dinheiro ou propriedades pertencentes a outras pessoas. Esta é a lei fundamental de nosso sistema econômico. O Estado arrecada impostos, o empregador cobra juros, o locador recebe aluguel. Tudo isso é pago em reconhecimento dos direitos dos outros, e constitui uma lembrança de nossas obrigações e da limitação de nossos direitos e autoridade. Tudo isso é reconhecido como legítimo.

Deus está, porém, acima do governo, da sociedade, das pessoas jurídicas ou dos indivíduos. E o direito de proprietário da parte de Deus, que envolve a mordomia dos seres humanos, encerra solene responsabilidade. E temos o positivo, pessoal, periódico e primordial dever de reconhecê-Lo no pagamento do dízimo. Deus não precisa de nossos dízimos. Ele pode tomar os dez décimos da maneira que Lhe apraz. Mas a execução do princípio é necessária ao homem. Deus não quer nosso dinheiro, mas nossa afeição, nossa confiança e fé em nosso amoroso Sócio divino.

#### O Dízimo Foi Estabelecido Para o Benefício do Homem

Deus nunca estabelece qualquer lei ou instituição arbitrária — espiritual, moral, mental ou física — que não seja para o benefício do homem. O dízimo não é uma exceção. Ele não é para benefício de Deus, mas para nosso próprio benefício. Caso não fosse para o desenvolvimento de nosso caráter, Deus não o teria ordenado. Como sabemos, "o sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (S. Mar. 2:27). Semelhantemente, o dízimo foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do dízimo. As leis de Deus vêm à existência com as coisas a que se aplicam. São o resultado da relação produzida.

A mordomia tornou-se atuante no momento em que Adão foi criado como "alma vivente" por seu Criador. Não se baseou, portanto, em explícita promulgação legal. Se não houvesse uma terceira parte, Adão ainda seria responsável a

Deus. Cumpre repetir que todas as leis de Deus são para a felicidade e o bem-estar espiritual e temporal de Suas criaturas. Detrás de toda ordem há uma necessidade básica para fazer exatamente o que é ordenado. As leis de Deus não *criam* deveres, elas os *definem*. Assim, toda lei moral constituía uma necessidade antes de sua promulgação. Esse é o eterno fundamento da mordomia.

Agora, apenas mais algumas palavras sobre a aplicação do princípio da mordomia. Ele se aplica aos nove décimos bem como à décima parte. A devolução do dízimo

no não nos dá permissão para usar o resto como acharmos conveniente. Envolve o ato de recebermos, retermos e gastarmos de acordo com a vontade de Deus. Provedo o motivo dominante tanto ao receber como ao dar, a mordomia atinge todo o uso do dinheiro. É por isso que a mordomia é muito mais profunda do que dar o dízimo, como geralmente se entende, pois abrange todos os aspectos da vida. Requer a mais completa consagração em prestar a Deus o que Lhe pertence, fazendo em todos os setores da vida o que Cristo quer que façamos, reconhecendo em todas as ocasiões Seu direito

Arquivo Casa



*O cristão, como mordomo, procurará desenvolver os recursos e as aptidões que o Céu colocou à sua disposição, e isto abrange também o uso correto do tempo e a preservação da agilidade física.*



Arquivo Casa

de proprietário e soberania. Isto é justiça aplicada e uma demonstração de fé.

### **O Princípio de Mordomia Abrange Mais do que Dinheiro**

O princípio de que a consagração pessoal vem antes da consagração da carteira, de que a consagração do próprio eu vem antes da consagração da riqueza, é expresso nestas palavras da Escritura: "Deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor" (II Cor. 8:5). Dar dinheiro não substitui a entrega de nós mesmos. A reserva de lugares no Reino não está à venda por dinheiro. Pedro disse para Simão, o Mágico: "O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir por meio dele o dom de Deus." Tenhamos cuidado com a doutrina de Simão, o Mágico! Liberal oferta de serviço ou dinheiro não constitui um sucedâneo de consagração defeituosa e inadequada. Por outro lado, se professamos dar-nos a nós mesmos e então retemos nossos recursos, estamos perigosamente perto de ser seguidores de Ananias e Safira, que reteram parte do preço. Tudo constitui um depósito sagrado que deve ser mantido ou usado da maneira indicada por Deus. Eis aqui o ponto crucial da mordomia! Falhar neste sentido significa falhar em tudo.

Pensemos por um momento na aquisição de dinheiro. O homem foi formado com uma faculdade aquisitiva. Onde quer que seja estabelecida a civilização, a cunhagem de dinheiro é um dos primeiros passos no avanço do barbarismo para a civilização. E quanto mais elevada e amplamente industrializada for a civilização, tanto mais o dinheiro se tornará uma necessidade e circulará amplamente. Os incivilizados conseguem ir passando com permutas, mas nos países civilizados há crescente necessidade de dinheiro. E a tendência é tornar a aquisição de dinheiro a ocupação universal. Para grande número de pessoas isso constitui o principal objetivo de sua vida. Mais do que qualquer outro período anterior, nosso século é preeminentemente um século de ganhar dinheiro. Há mais perigos relacionados com o dinheiro do que em qualquer ocasião precedente. Cuidemos para que isso não venha a ser a paixão dominante na vida, pois devido ao amor ao dinheiro o homem se torna mesquinho, egoísta, ganancioso e indiferente para com Deus. Mas o reco-

nhcimento da mordomia ergue a vida a um nível completamente diferente. "Oportunidade mais habilidade é igual a dever." Ele envolve honestidade e justiça em todas as transações com os nossos semelhantes. Não há mordomia digna desse nome que não envolva a relação de uma pessoa com todas as outras pessoas. Onde isto é posto em prática, nenhum dólar ou cruzeiro desonesto será levado à casa do tesouro.

Além disso, o reconhecimento de que Deus está acima de todos evitará o rancor e a contenda entre empregadores e empregados. Dará um caráter definido a todas as transações comerciais. A vida não se dividirá entre o que é secular e o que é sagrado. Nossos negócios serão tão sagrados como consideramos o culto de oração, e serão efetuados no temor de Deus.

Tornamos a dizer que vivemos num século de acumulação de riquezas. O dinheiro exerce um estranho poder paralisante. A tendência é ajuntar e excluir do serviço de Deus o ouro e a prata que Lhe pertencem e dedicá-los ao enaltecimento do próprio eu. Outra força então se apodera da alma. Quanto mais os homens têm, mais querem ter, e a extravagância vai na esteira da opulência, pois o aumento de riquezas multiplica nossos desejos. Naturalmente, há grande diferença entre nossos desejos e nossas necessidades. Aquilo que é considerado luxo quando o salário é escasso, torna-se uma pretensa necessidade quando aumenta a renda.

O dinheiro é o grande criador de desejos, principalmente artificiais. Sem dinheiro estamos em verdadeira necessidade. Com dinheiro estamos em necessidade artificial. Como mordomos, precisamos estar de sobreaviso neste século de gastos exorbitantes. Injustificável extravagância — roubando o dinheiro que pertence a Deus, promovendo o egoísmo e o orgulho, e satisfazendo aos mais baixos instintos e apetites de nossa natureza — é um dos pecados do tempo presente.

### **A Economia Resulta da Mordomia Para com Deus**

A mordomia conduz à economia, que é muitíssimo diferente da mesquinhez. "Tempo é dinheiro"; mas o dinheiro, ao contrário do tempo, pode ser economizado, ao passo que ambos podem ser gastos de maneira sensata ou insensata. A avareza gananciosa e o desperdício perdulário são igualmente per-

niciosos. Os mordomos são representantes bem como servos. Viverão de tal modo que manifestem o espírito de seu Mestre. Sua vida será assinalada pela ausência de ostentação. Um décimo para Deus jamais santificará nove décimos usados em condescendência pessoal. O dinheiro é o supremo meio de que o mundo dispõe para satisfazer seus desejos. Mas não devemos ser "do mundo". Devemos revelar, no uso que fazemos do dinheiro, que somos dirigidos por um princípio celestial. Temos de andar como os que "crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscência" (Gál. 5:24).

Uma das maneiras mais eficazes para manifestar e manter a crucifixão da carne é nunca usar o dinheiro para satisfazê-la. Procuremos encher a vida com os mais amplos pensamentos do poder espiritual do dinheiro. Toda a nossa vida poderá então ser fortalecida pelo modo como lidamos com o dinheiro. Assim, quando os princípios de mordomia obtêm supremacia na vida, a alma é iluminada, o propósito torna-se firme, os prazeres sociais são desbastados dos aspectos prejudiciais, a vida comercial é conduzida de acordo com a regra áurea, e a conquista de almas torna-se a paixão dominante. Tais são as copiosas bênçãos das provisões de Deus numa vida de fé e fidelidade.

Na realidade, ser mordomo é algo solene. Os mordomos têm de guardar alguma coisa e prestar contas. Todo guarda-livros tem de enfrentar a chegada do revisor de contas. É uma coisa séria possuir e manusear a prata e o ouro do Criador de todas as coisas, do Juiz de toda a Terra. Se constitui um crime que o caixa se apodere dos fundos colocados sob os seus cuidados; se é um crime que um executor testamentário se aproprie de recursos que ele mantém em custódia para outras pessoas; se constitui uma injustiça que um empregador retenha os salários de seus empregados, que diremos do delito intencional de agir fraudulentamente como mordomo de Deus? As terríveis possibilidades devem levar-nos a encarar nosso encargo de maneira solene. Há, porém, estas ditosas palavras que poderão pertencer-nos: "Muito bem, servo bom e fiel."

Tais são alguns dos princípios da mordomia humana e do direito de proprietário da parte de Deus. Maravilhosa relação e sociedade, e admirável escola de preparo para o caráter! 

# A Igreja e Israel

Dr. Hans K. LaRondelle

Professor de Teologia na Universidade Andrews.

Diz-se que a eclesiologia ou a doutrina da Igreja é a "pedra de toque" ou a prova decisiva do dispensacionalismo.<sup>1</sup> Carlos C. Ryrie afirma que a Igreja é distinta e separada de Israel em dois aspectos: 1) na Igreja os gentios são colocados em pé de igualdade com os judeus; e 2) Cristo habita na Igreja como Seu corpo espiritual.

Ele infere que a Igreja era desconhecida nos tempos do Antigo Testamento, pois o apóstolo Paulo a chama de "mistério" (ver Efés. 3:4-6; Colos. 1:25-27) e se refere explicitamente à Igreja de Cristo como "um novo homem" (Efés. 2:15), uma criação que constitui o resultado da morte de Cristo. A Igreja é edificada sobre a ressurreição e a ascensão de Cristo (ver Efés. 1:20-23; 4:7-13) e só se tornou atuante no dia de Pentecostes (ver Atos 2). Por conseguinte, a Igreja não faz parte das profecias do Antigo Testamento e "não está cumprindo as promessas de Israel". Conseqüentemente, "Israel mesmo precisa cumpri-las, e isso no futuro".<sup>2</sup> A Igreja será arrebatada do mundo antes de Deus lidar novamente com Israel. Ryrie deduz: "A essência do dispensacionalismo, então, é a distinção entre Israel e a Igreja."<sup>3</sup> Ele recorre a I Coríntios 10:32 para confirmar sua tese de que "o Israel natural e a Igreja também são postos em contraste no Novo Testamento".<sup>4</sup>

No entanto, a questão não é: O Novo Testamento estabelece um contraste entre a Igreja e o "Israel natural"? e, sim: É a Igreja chamada "o Israel de Deus" no Novo Testamento, e é apresentada aí como o novo Israel, o único herdeiro de todas as bênçãos do concerto

prometidas por Deus para o presente e para o futuro? Outras questões que devem ser examinadas são as seguintes: Quando, exatamente, começou a Igreja de acordo com Cristo? E como Cristo e os escritores do Novo Testamento aplicam realmente os antigos concertos de Deus com Abraão, com Israel e com Davi?

## O Conceito do Remanescente no Antigo Testamento

A teologia dispensacional aceita o fato de que o Antigo Testamento faz distinção entre o Israel nacional e o Israel espiritual dentro dessa nação. Ryrie declara: "Esta espécie de distinção dentro da nação foi feita muitas vezes no Antigo Testamento."<sup>5</sup> Esta é realmente uma distinção bíblica de profunda significação teológica. Os profetas expressaram essa distinção em sua idéia acerca do "remanescente", o âmago e centro de suas perspectivas escatológicas.

Amós foi o primeiro profeta que rejeitou a idéia popular de que Israel como um todo nacional seria salvo no Dia do Julgamento do Mundo por Yahweh (ver Amós 3:2; 9:1-4, 9 e 10). Ele realçou a condição fundamental da resposta religiosa de Israel às promessas do concerto: "Buscai ao Senhor, e vivei, para que não irrompa na casa de José como um fogo que a consuma." Amós 5:6.

Só um "remanescente" do Israel nacional sobreviveria ao futuro juízo de Deus (ver Amós 3:12; 5:15). Esse "restante de José" seria portanto um remanescente religiosamente fiel.

Em Jerusalém, o profeta Isaías



Arquivo Casa

anunciou igualmente que Israel, assim como outras nações, incorreria na justiça punitiva do Senhor por causa de sua apostasia religiosa de Yahweh e devido a sua injustiça social (ver Isa. 10). No entanto, Deus salvaria misericordiosamente "o remanescente de Israel", "a santa semente" em Sião nos fogos purificadores do juízo (ver Isa. 1:24-26; 4:2 e 3; 6:13; 10:20-22). Este remanescente santo está inscrito "para a vida" (Isa. 4:3), como o herdeiro das promessas de eleição, porque é um remanescente que confia e crê inteiramente em Yahweh (ver Isa. 10:20 e 21; 30:15).

Tanto Amós como Isaías revelam um surpreendente mas essencial característico das promessas ao "remanescente" de Israel: Um remanescente de gentios de todas as nações que crescem em Yahweh também seria atraído para o círculo do remanescente escatológico de Israel e da casa de Davi: "Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi, repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade; para que possuam o restante de Edom e todas as nações que são chamadas pelo Meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas." Amós 9:11 e 12.

Amós predisse claramente que pela soberana vontade e determinação de Yahweh um remanescente de não-israelitas, provenientes de Edom e de todas as nações, também participará da promessa do concerto de Davi.<sup>6</sup> Tais gentios, assim como Israel, seriam chamados pelo honroso nome de Yahweh, e pertenceriam portanto ao povo de Yahweh (comparar com Deut. 28:10).

O profeta Isaías revela ainda mais como a universal procura de todos os gentios por parte de Deus finalmente se cumprirá por meio de um novo Israel cujo caracteris-

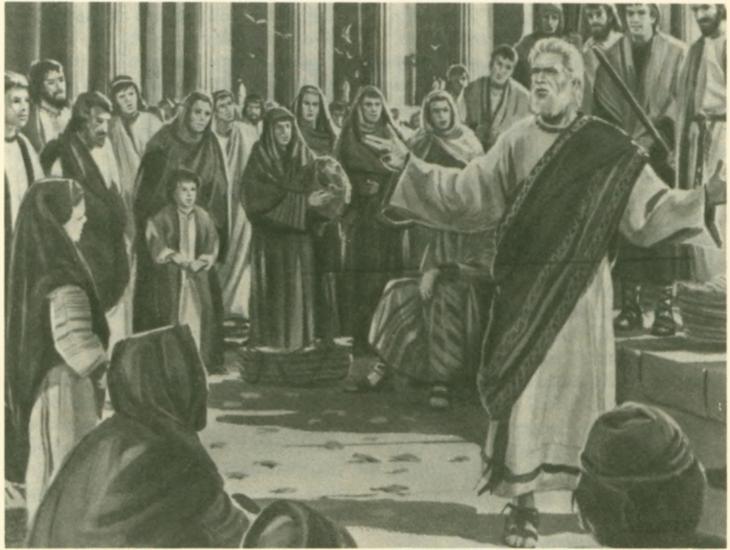
tico essencial não será a descendência étnica de Abraão (o sangue de Abraão), mas a fé, a adoração do Senhor em espírito e em verdade. Isaías contempla um futuro — após o exílio babilônico — em que duas classes de pessoas, estrangeiros e eunucos, que estavam proibidos de entrar na assembleia que prestava culto a Yahweh, segundo a lei de Moisés (ver Deut. 23:1-3), terão o direito de adorar no novo templo no Monte Sião, se aceitarem a Yahweh e Seu concerto com Israel. “Também os levarei ao Meu santo monte, e os alegrarei na Minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no Meu altar, porque a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos.” Isa. 56:7; comparar com 45:20-25.

Quando os gentios, pela fé e pela obediência, se unirem ao Senhor (ver Isa. 56:3), o Deus de Israel dará a esses estrangeiros no meio de Israel “um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno” (Isa. 56:5 e 6; comparar com 56:3). Em outras palavras, os gentios que cressem desfrutariam os mesmos direitos e esperanças das promessas do concerto que os israelitas crentes. O Deus de Israel não restringirá Sua restauração de Israel ao povo judeu, mas também incluirá gentios crentes no Israel posterior ao exílio babilônico. “Assim diz o Senhor Deus que congrega os dispersos de Israel: Ainda congregarei outros aos que já se acham reunidos.” Isa. 56:8.

Em outras palavras, o Deus de Israel revela claramente que Ele também reunirá crentes gentios no aprisco de Israel.

É evidente que Isaías confere ao “remanescente” profundo sentido espiritual. O erudito em assuntos do Antigo Testamento, Edmond Jacob, explica: “Em Isaías o remanescente é essencialmente distinto de uma realidade puramente política; é essencialmente um Israel *Kata pneuma* [segundo o Espírito].”<sup>7</sup>

O erudito no Antigo Testamento, Claus Westermann, afirma em sua conclusão de Isaías 56: “A qualidade de membro da comunidade que adora a Yahweh agora se baseia na resolução, na livre aceitação deste Deus e de Seu culto. Não é mais considerada em termos nacionais, e, sim, individuais. O povo escolhido transformou-se na comunidade que confessa.... Já mesmo aqui encontramos importantes elementos do conceito de comunidade do Novo Testamento... Ele também ‘congrega’ Israel dentre os que até agora



A. FROS

não podiam pertencer a ele.”<sup>8</sup>

Gerhard F. Hasel, em sua dissertação *The Remnant* (“O Remanescente”), considera o remanescente em Isaías como “elemento-chave da teologia” desse profeta e deduz: “[Isaías] não conhece a distinção entre um remanescente ‘secular-profano’ e ‘teológico.’” — Pág. 401.

O profeta Miquéias une a promessa de um “restante de Israel” (Cap. 2:12) — o novo povo de Deus — com a promessa do Messias que procederia de Belém (cap. 5:2). Ele congregará o remanescente de Israel “como ovelhas no aprisco, como rebanho no meio do seu pasto” (Cap. 2:12). “Ele Se manterá firme, e apascentará o povo na força do Senhor.” Cap. 5:4.

Em conclusão, sempre que os profetas do Antigo Testamento retratam o escatológico remanescente de Israel, ele é caracterizado como fiel comunidade religiosa, que adora a Deus com um coração novo e de acordo com o “novo concerto” (ver Joel 2:32; Sof. 3:12 e 13; Jer. 31:31-34; Ezeq. 11:16-21). Este remanescente fiel do tempo do fim tornar-se-á qual testemunha de Deus entre todas as nações para congregar também não-israelitas, sem levar em conta sua origem étnica, no verdadeiro culto e reino do Senhor (ver Zac. 9:7; 14:16; Isa. 66:19; Dan. 7:27; 12:1-3).

O quadro total do remanescente escatológico do Antigo Testamento revela que as bênçãos do concerto de Israel como um todo cumpriram-se, não no descrente Israel nacional, mas somente naquele Israel que é fiel a Yahweh e confia no Seu Messias. Este remanescente de Israel incorporará os fiéis re-

manescentes dentre todas as nações gentílicas.

Permanece a questão: Como este Israel profético encontrará o seu cumprimento histórico? Isto só se dará depois do segundo advento de Cristo, durante o milênio? O que o Novo Testamento revela sobre o remanescente do Antigo Testamento?

### O Remanescente do Novo Testamento

Quanto ao cumprimento escatológico das profecias sobre o remanescente no Antigo Testamento precisamos perguntar primeiro ao Senhor Jesus Cristo como Ele, o verdadeiro Intérprete, compreendia e interpretava as promessas do concerto de Israel.

Embora Cristo dissesse que Ele só foi enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel (ver S. Mat. 15:24; cumpre notar, porém, que S. Mar. 7:27 diz “primeiro”) e embora Ele só enviase primeiro Seus doze apóstolos às ovelhas perdidas da casa de Israel (ver S. Mat. 10:5 e 6), Sua perspectiva do futuro abrangia a missão deles aos gentios (ver S. Mat. 10:18; S. Mar. 13:10). Cristo até declarou explicitamente que Ele viera juntar os crentes gentios ao rebanho de Israel. Referindo-Se inequivocamente à promessa de Isaías 56:8, Ele anunciou: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a Mim Me convém conduzi-las; elas ouvirão a Minha voz; então haverá um rebanho e um Pastor.” S. João 10:16. A NSB reconhece que as “outras ovelhas” são os gentios de Isaías 56:8.

Como Pastor messiânico, Cristo declara aí que Ele foi enviado para cumprir as promessas do concerto referentes ao ajuntamento de Israel.<sup>9</sup> Como o Messias, Ele veio reunir Israel a Si mesmo (ver S. Mat. 12:30), e, mais do que isso, reunir os gentios e todos os seres humanos a Si mesmo (ver S. João 12:32). Isto requeria uma decisão de fé nEle como o Messias de Israel. Para esta missão universal Ele chamou de Israel Seus doze apóstolos, os quais, em seu número escolhido, claramente representam as doze tribos de Israel. Ordenando oficialmente doze discípulos como Seus apóstolos (ver S. Mar. 3:14 e 15), Cristo constituiu um novo Israel, o remanescente messiânico dessa nação, e chamou-lhe Sua Igreja (ver S. Mat. 16:18). Na ordenação dos Doze, Cristo fundou Sua Igreja como novo organismo, com sua própria estrutura e autoridade, dotando-a com "as chaves do reino dos Céus" (S. Mat. 16:19; comparar com 18:17). Ele designou Seus doze apóstolos para juizes das "doze tribos de Israel" no mundo por vir (S. Mat. 19:28; S. Luc. 22:30). Disse Ele a essa Igreja: "Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai Se agradou em dar-vos o Seu reino." S. Luc. 12:32; ver Dan. 7:22 e 27.

F. F. Bruce afirma que "o ato de Jesus chamar os discípulos ao redor de Si para formar o 'pequeno rebanho' que devia receber o reino... O distingue como o Fundador do novo Israel."<sup>10</sup>

G. F. Hasel deduz o seguinte da pregação de fé e arrependimento por parte de Jesus como condição para entrar no reino de Deus (ver S. Mar. 1:15): "Dificilmente se pode imaginar outra coisa que não seja o começo do ajuntamento de um remanescente de fé dentro do âmbito das esperanças do remanescente nas profecias do Antigo Testamento."<sup>11</sup>

Cristo estabelece Sua Igreja, não ao lado de Israel, segundo assevera o dispensacionalismo, mas como o fiel remanescente de Israel que herda todas as promessas do concerto, incluindo a promessa da Nova Terra (não apenas a Palestina). (Ver S. Mat. 5:5; comparar com Rom. 4:13; II S. Ped. 3:13.) A Igreja, da maneira como é em Cristo, habitará finalmente junto com o verdadeiro Israel da velha dispensação numa só e mesma Nova Jerusalém (ver Apoc. 21). Os cristãos gentios entrarão nessa cidade de Deus pelas doze portas em que estão inscritos os nomes das doze



A Rios

tribos de Israel (ver Apoc. 21:12). Contudo, a cidade tem muros com fundamentos nos quais estão inscritos os nomes dos doze apóstolos de Cristo (ver Apoc. 21:14). "O que Deus ajuntou não o separe o homem."

Jesus revelou a verdade apocalíptica de que Sua Igreja herdaria o reino juntamente com Abraão, Isaque e Jacó. "Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugar à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes." S. Mat. 8:11 e 12; comparar com S. Luc. 13:28 e 29.

Da posição de Cristo aprendemos que Sua Igreja não é separada do Israel de Deus nos concertos do Senhor, porque é o verdadeiro remanescente de Israel, o Israel messiânico, o herdeiro de Deus. A Igreja de Cristo só estará eterna-mente separada do Israel natural que rejeita a Cristo.

A eleição e a ordenação dos doze apóstolos por parte de Cristo refuta o conceito de que Sua Igreja só começou a funcionar no dia de Pentecostes. A Igreja já existia, pois os novos crentes eram explicitamente acrescentados a ela (ver Atos 2:41). A mais clara evidência de que a Igreja não era uma entidade que não fora prevista e predita é o fato de que tudo que aconteceu no Pentecostes constituía um direto cumprimento da profecia. Pedro cita Joel 2:28-32 (ver Atos 2:16 em diante) e acrescenta: "Para vós outros é a promessa, para vossos filhos [judeus], e para todos os que ainda estão longe [gen-

tios], isto é, para quantos o Senhor nosso Deus chamar." Atos 2:39.

Ele explica mais adiante: "E todos os profetas, a começar com Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias." Atos 3:24. Em outras palavras, desde o Pentecostes Deus estava efetuando o cumprimento de todas as profecias de Israel acerca da exaltação do Messias à destra de Deus (ver Atos 2:33) e do ajuntamento messiânico do Israel de Deus. Portanto, a Igreja está claramente profetizada nas promessas do remanescente do Antigo Testamento, segundo é confirmado por estes e outros escritos do Novo Testamento. ■■

#### Referências

1. C. C. Ryrie, *Dispensationalism Today* (Moody Press, 1965), págs. 132 e 133.
  2. *Idem*, *The Basis of the Premillennial Faith* (Neptune, N. J.: Louizeaux Bros., 1966), pág. 126.
  3. *Idem*, *Dispensationalism Today* (Moody Press, 1965), págs. 46 e 47.
  4. *Idem*, pág. 138
  5. *Ibidem*.
  6. Ver C. F. Hasel, *The Remnant. The History and Theology of the Remnant Idea from Genesis to Isaiah* (Andrews University Mon. Vol. V, 1980, 3ª ed.), págs. 207-215, para uma exposição mais pormenorizada de Amós 9:11 e 12.
  7. E. Jacob, *Theology of the Old Testament* (Nova Iorque: Harper & Row, 1958), pág. 324.
  8. C. Westermann, *Isaiah 40-66. A commentary* (The OT Library. Filadélfia: The Westminster Press, 1977), págs. 313, 314 e 315.
  9. Ver E. Achtemeier, *The Old Testament and the Proclamation of the Gospel* (Filadélfia: The Westminster Press, 1973), págs. 93 e 94.
  10. F. F. Bruce, em *The New Bible Dictionary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1979), pág. 588.
  11. G. F. Hasel, no artigo "O Remanescente", que será publicado em *The International Standard Bible Encyclopedia*, Seção III C 2.
- Alguns artigos desta série se baseiam no livro do autor, *Christ in Armageddon*, publicada em 1982 pela Pacific Press, Mountain View, Califórnia.

# Superando Nosso Natural Egoísmo

LEAH S. DE SOUZA

Primeiramente, analisemos a palavra egoísmo à luz da Psicologia. O prefixo EGO vem do latim e é parte da Psique, intermediária entre o ID e o mundo exterior.

A PSIQUE é a manifestação de atividade mental ou psíquica em cada um de seus diversos aspectos. É o nosso modo de ser. É o conjunto dos nossos sentimentos íntimos. E, em última análise, é o nosso próprio caráter. É o nosso EU, em seu mais profundo sentido. Acrescentando-se a terminação ISMO ao prefixo EGO, teremos a palavra EGOÍSMO, que é a tendência de ver no próprio EU a realidade absoluta ou o valor exclusivo ou predominante. É o conjunto de propensões ou de instintos adaptados à conservação do indivíduo.

O dicionário da língua portuguesa nos dá uma definição clara e muito simples de egoísmo. Diz: "Excessivo amor ao bem próprio, sem atender ao dos outros."

O amor-próprio é necessário quando se limita a esse conjunto de instintos e propensões que possibilitam a conservação da nossa própria vida. É por possuímos amor-próprio que praticamos nossa higiene pessoal; vamos ao dentista e consultamos o médico quando não nos sentimos bem. É pela mesma razão que bebemos, nos alimentamos e procuramos nos sentir bem. Seria desastroso para nós próprios; para nossa família; para nossa comunidade, enfim, se perdêssemos completamente o amor-próprio.

O erro está no excessivo amor-próprio e especialmente na última parte do conceito que diz: "... sem atender ao bem dos outros."

É fácil abandonarmos o egoísmo? A resposta é um categórico

não! A menos que façamos como o apóstolo Paulo que crucificou o seu EU com Cristo.

O vocábulo oposto a egoísmo é altruísmo. Altruísmo é palavra francesa criada por Augusto Comte e adotada pelos ingleses positivistas para designar o oposto do egoísmo. Altruísmo, é, portanto, amor ao próximo; abnegação, filantropia. Segundo o positivismo, o altruísmo é uma tendência tão inata como os instintos egoístas.

Chegamos então à conclusão de que a vitória sobre o egoísmo é difícil, mas não impossível. A prática do altruísmo nos capacitará a subjugarmos o nosso Ego, colocando-o sob o controle de nossa razão.

A irmã Ellen White já sabia dessa possibilidade quando escreveu: "Beneficência constante e abnegada é o remédio que Deus propõe para os ulcerosos pecados do egoísmo e da cobiça." — *Lar Adventista*, pág. 370.

Precisamos convir que esta luta não tem tréguas. Devemos estar sempre vigilantes. "Guarda-te constantemente de ceder ao egoísmo." — *Idem*, pág. 103.

Como esposas de obreiros e como obreiras, é grande nossa responsabilidade diante da igreja e diante do mundo que tão bem nos observa. Às vezes parece que nos é pedido mais do que podemos dar. É um ensaio com os jovens; é a preparação de programas; são as crianças da igreja; as Dorcas; visitas aos lares de doentes e interessados; receber bem aos que chegam em nosso lar; muitas vezes precisamos aconselhar pessoas em crises. E, logicamente, o que está em primeiro lugar — o cuidado e orientação de nossos filhos; o cuidado do nosso lar e o importan-

te e indispensável companheirismo e estímulo ao nosso esposo. É um constante dar-se de si mesma!

Seria bem mais cômodo em certas ocasiões ficarmos sentadas ouvindo uma agradável música e lendo um bom livro, do que correr a ajudar alguém. Ai, então, vem a luta: egoísmo e comodismo? ou altruísmo?

Ellen White dá-nos a resposta: "Todos os que estão relacionados com a Obra do Senhor devem estar constantemente em guarda contra o egoísmo." — *Idem*, pág. 96.

E mais: "Um serviço a meio, amando o mundo, amando o eu, amando divertimentos frívolos, faz um servo tímido, covarde; segue a Jesus de longe. O serviço feito de boa vontade e de coração a Jesus, produz uma religião refulgente... Necessitamos mais de Cristo e menos do mundo, mais de Cristo e menos do próprio eu." — *Idem*, pág. 431.

Satanás caiu por ter sido egoísta. E ele quer que caiamos também. Para isso ele envia todos os seus esforços. Lemos em *Testemunhos Para Ministros*, pág. 392: "Hoje, como nos dias de Cristo, Satanás governa a mente de muitos. Oh, se sua temível e temerosa obra pudesse ser discernida e resistida! O egoísmo tem pervertido os princípios, tem confundido os sentidos e anuviado o juízo."

Logo mais estaremos ante o tribunal de Deus. Seremos condenados ou absolvidos. Nossa espiritualidade precisa crescer. Nossa fé precisa ser muito mais vigorosa do que tem sido. O egoísmo que existe em nós é o responsável pela nossa debilidade espiritual. Deixemos falar mais uma vez Ellen White: "A razão por que o povo de Deus não é mais espiritual, e não possui maior fé, foi-me mostrado, é acharem-se amesquinhados pelo egoísmo." — *Serviço Cristão*, pág. 40.

Superando nosso natural egoísmo, é o título de nosso assunto. Já vimos que não é algo fácil. Mas, vimos também que não é impossível. Mas, o mais importante, é que chegamos à conclusão de que é absolutamente necessário deixarmos todo o egoísmo se quisermos nos salvar e ajudar a salvar outros para o Reino de Deus. Jesus foi altruísta durante toda a Sua vida e nos dará forças para sermos como Ele foi se tão-somente nos entregarmos a Ele através da oração e de um abnegado serviço. O altruísmo vencerá o egoísmo. Experimentemos. 

# Apelos Evangelísticos Eficazes

Melvin Nembhard

É um fato bem estabelecido que o pescador deve pegar peixe. Se não o fizer, estará desperdiçando o seu tempo. O médico deve necessariamente curar doenças. Se constantemente deparar com perdas de vidas, talvez sua licença seja suspensa e sua reputação arruinada. O agricultor deve produzir frutas, verduras e cereais, porque esta é sua fonte de subsistência. E o pastor precisa libertar pecadores pelo poder do Espírito Santo.

A serva do Senhor nos diz em termos inequívocos: "Em cada discurso devem ser dirigidos ao povo fervorosos apelos para abandonar seus pecados e voltar-se a Cristo. Os pecados populares e as condescendências de nossa época devem ser condenados, e ordenada a piedade prática. Sentindo de coração a importância das palavras que profere, o verdadeiro ministro não pode reprimir o interesse espiritual que sente por aqueles por quem trabalha." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 159.

## O Propósito da Pregação

1. O sermão pregado deve ser apresentado com um alvo em vista: salvar homens. "Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não O conheceu por sua própria sabedoria, aprovou a Deus salvar aos que creem, pela loucura da pregação." I Cor. 1:21. Paulo estava convicto de que a pregação tinha um objeti-

vo. Embora do ponto de vista da sabedoria humana isso pareça ser uma insensatez, sua finalidade é salvar os que creem.

2. Outro propósito da pregação é persuadir as pessoas. Com demasiada freqüência o pastor talvez seja indiferente a sua responsabilidade e pense que seu trabalho está completo quando ele deu a advertência. No entanto, tem mais do que a responsabilidade de advertir as pessoas. "E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos aos homens." II Cor. 5:11. Se a mensagem não é persuasiva, as pessoas talvez sejam tão indiferentes como o pregador.

3. A pregação tem de trazer convicção. "Ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo." Atos 2:37 e 38. No dia de Pentecostes houve convicção nos que ouviram a Pedro. Todo pregador do evangelho deve pregar com convicção em seu coração, e transmiti-la a seus ouvintes.

4. A pregação deve preparar as pessoas para o reino. "Oh! quem me dera servir-me de linguagem suficientemente vigorosa para causar a impressão que desejo sobre meus companhei-

ros de obra no evangelho! Meus irmãos, estais lidando com as palavras da vida; estais tratando com espíritos capazes do máximo desenvolvimento. Cristo crucificado, Cristo ressurgido, Cristo assento aos Céus, Cristo vindo outra vez, deve abrandar, alegrar e encher o espírito do ministro, por tal forma, que ele apresente estas verdades ao povo em amor, e profundo zelo. O ministro desaparecerá então, e Jesus será revelado." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 159. Lemos também em *Atos dos Apóstolos*, pág. 109: "Em todo o mundo homens e mulheres olham atentamente para o Céu. De almas anelantes de luz, de graça, do Espírito Santo, sobem orações, lágrimas e indagações. Muitos estão no limiar do reino, esperando somente serem recolhidos." Quem mais é capaz de realizar a tarefa de reunir os que estão no limiar do reino, do que o pastor que se encontra detrás do púlpito sagrado proclamando a Jesus Cristo como Amigo dos pecadores?

## O Pastor Deve Ser Compassivo

1. O pastor jamais conseguirá comover seus ouvintes sem que primeiro sua própria alma seja avivada por sua mensagem. Cristo sentia compaixão dos outros. "Vendo Ele as multidões, compadeceu-Se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor." S. Mat. 9:36. Os homens e as mulhe-

res encontram-se hoje em situação similar. Estão confusos e necessitam de orientação. Nós, como pastores, devemos ter um espírito compassivo ao vê-los dispersos como ovelhas que não têm pastor.

2. Jesus chorou sobre Jerusalém, com compaixão. "Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis Eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta." S. Mat. 23:37 e 38. Jesus chorou com compaixão sobre a cidade de Jerusalém porque desejava salvar seus habitantes. É o nosso coração sensibilizado pelos que estão se afastando de Deus, de modo que choremos com compaixão como Jesus o fez?

3. Cristo compadeceu-Se ao ver um pobre leproso. "Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o, e disse-lhe: Quero, fica limpo!" S. Mar. 1:41. Pelo poder do Salvador, os que são imundos, por estarem acometidos pela lepra do pecado, precisam ser purificados pelo evangelho confiado a todo pastor.

"Quando Seus olhos percorriam a multidão dos ouvintes, e reconhecia entre eles os rostos que já vira anteriormente, Seu semblante iluminava-se de alegria. Via neles candidatos, em perspectiva, a súditos do Seu reino. Quando a verdade, dita com clareza, tocava algum acariciado ídolo, observava a mudança de fisionomia, o olhar frio, de repulsa, que mostrava não ser a luz bem recebida. Quando via homens recusarem a mensagem de paz, isso Lhe traspassava o coração." — *O Desejado de Todas as Nações*, ed. popular, pág. 231.

### Tipos de Apelos

1. O tipo mais comum de apelo usado pelos pastores é o ato de levantar a mão. Isto é eficaz e muito fácil de ser feito pelas pessoas numa congregação.

2. *Inclinar a cabeça e levantar a mão.* Este tipo de apelo produz reverência. Em silêncio e enquanto é tocada uma música suave, este tipo de apelo é muito eficaz.

3. *Uso de cartões de decisão.* Ao usá-los, deve haver alguns indivíduos aos quais tenha sido

## O chamado ao altar é o tipo mais comum de apelo usado por pastores de igreja, e, contudo, aquele no qual maior número tem falhado e se atrapalhado.

atribuída a responsabilidade de distribuir rapidamente os cartões, de modo que não haja perda de tempo.

4. *Breve encontro após a reunião.* Este é outro tipo de apelo usado por muitos. Contudo que as pessoas não sejam retidas durante demasiado tempo após a reunião regular, muitos têm achado eficaz este tipo de apelo.

5. *Convite para oração especial.* Numerosas pessoas têm fardos pesados na vida — físicos, mentais ou espirituais. Muitas vezes elas ficam contentes quando recebem um convite para oração especial.

6. *Convite geral para uma vida vitoriosa.* Os indivíduos são convidados de várias maneiras para indicarem seu desejo de alcançarem a vitória em sua vida.

### Passos Para Bem Sucedido Chamado ao Altar

O chamado ao altar é o tipo mais comum de apelo usado por pastores de igreja, e, contudo, aquele no qual maior número tem falhado e se atrapalhado. Frequentemente surge a pergunta: Como podemos ter certeza de que esse tipo de apelo é eficaz?

Desejo partilhar minha experiência pessoal em usar este método, tanto na América do Norte como em outros campos.

1. No começo de minha mensagem, determino, pelo levantar da mão, o número de pessoas no auditório que ainda não tomaram a decisão de aceitar a Cristo ou de ser batizadas.

2. Suplico que o Senhor me conceda Seu Santo Espírito para comover os corações e produzir convicção nos que ouvem a mensagem.

3. Primeiro peço que levantem a mão aqueles que desejam abandonar o pecado ou unir-se à igreja pelo batismo numa ocasião futura, ou aqueles que querem voltar para o Senhor depois de haverem andado longe de Ele.

4. Peço que essas pessoas se levantem enquanto estão com a mão erguida. Entrementes, a congregação deve estar com a cabeça inclinada. Enquanto eles estão em pé, peço rapidamente que venham para a frente, até o altar. É quase impossível que alguém recuse vir à frente depois de erguer a mão e levantar-se. Isto se torna fácil dando um passo de cada vez. Infelizmente, alguns pregadores zelosos convidam imediatamente as pessoas para virem à frente. Este é o passo mais difícil, e deve ser o último. Pode ser que alguns digam que este é o método usado pelos evangelistas populares em suas grandes cruzadas. Cumpre lembrar, porém, que nesses grupos evangélicos nominais há bem poucas coisas a serem renunciadas, ao passo que aqueles que decidem seguir ao Senhor e unir-se à Igreja Adventista reconhecem que esse passo é muito mais difícil, porque há tantas coisas a serem denunciadas e abandonadas. "Mantende perante o povo a Palavra da Vida, apresentando Jesus como a esperança do arrependido e a fortaleza de todo crente. Revelai o caminho da paz à alma turbada e acabrunhada, e manifestai a graça e suficiência do Salvador." — *Obreiros Evangélicos*, pág. 160. ■■

# MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

ADVENTISTA

JAN/FEV 83

NÚMERO 1